3

Conversão na Sagrada Escritura

Introdução

Toda a pregação de Jesus de Nazaré se deu em torno do tema do Reino de Deus. A missão primordial do Messias enviado por Deus como cumprimento da promessa feita a Israel (Gn 12,2)²⁵⁵, foi a de implantar o Reino de Deus através do restabelecimento do cumprimento da Lei divina, outrora anunciada por Moisés e pelos profetas, e que no agir e nas palavras de Jesus atingem sua plenitude. Jesus inicia sua pregação chamando a atenção para essa esplêndida verdade: “O reino dos Céus está próximo: Convertedei-vos!” (Mt 4,17)²⁵⁶. Para Jesus, parece que a apreensão de tal realidade implica arrependimento, mudança de atitude e abertura para a nova realidade que se impõe com a sua presença que pode ser compreendida como o próprio Reino em pessoa. O Reino anunciado por Jesus, então, exigirá mudança de posição, de pensamento, de conduta, de vida enfim, ou seja, exigirá conversão. A elucidação desse conceito é essencial para iluminar a questão que motiva nossa pesquisa: “Será possível ao “novo crente” realizar experiência com Deus que o leve à verdadeira conversão?”

Nesse terceiro capítulo iremos focar nosso interesse no tema da conversão, e, nesse ponto de nossa pesquisa, intentamos aprofundar a compreensão do que Jesus queria dizer com as palavras “O reino de Deus está próximo: converteí-vos e crede no evangelho”, pois se cremos que Sua mensagem é universal, também devemos universalizar seu convite à conversão, no seu mais amplo sentido. E para isso, julgamos necessário recorrer à fonte original, a Sagrada Escritura, a começar pelo Antigo Testamento, concentrando nossa atenção, principalmente, na fala dos profetas no que diz respeito ao arrependimento, ao afastamento humano do pecado e à necessidade de mudança de atitude para uma real conversão a Deus. Seguiremos nosso trabalho apresentando o que afirma o Novo Testamento acerca de nosso tema nos

²⁵⁵ Todas as citações bíblicas e as perícopes apresentadas em nosso trabalho são extraídas da Bíblia de Jerusalém, Paulus, São Paulo, 2006.

²⁵⁶ O texto original grego apresenta a expressão “convertei-vos”.

Sinóticos, no Quarto evangelho, nos Atos dos Apóstolos, com ênfase na conversão de Paulo e também em algumas cartas paulinas.

3.1 - Conversão no Antigo Testamento

Nosso objetivo não é aprofundar o conceito de conversão no Antigo Testamento, mas consideramos de fundamental importância apresentar sua relevância para a salvação do povo. No Antigo Testamento, dois verbos expressam o conceito de conversão: *nhm*, e *shûb*. No contexto veterotestamentário, o verbo *nhm* é bem pouco empregado no sentido de arrependimento humano referindo-se mais à mudança de intenção da parte de Deus para com os seres humanos. *Shûb*, portanto porta o sentido que mais nos interessa que é o de *afastamento humano do pecado*, embora a Septuaginta não o tenha traduzido como *metanoia* que é a palavra técnica usada no Novo Testamento para conversão, arrependimento²⁵⁷. A LXX usa a palavra *epistrephô* que traduz *shûb* como regressar, voltar, enfatizando uma ação física (Gn 14,7; 37,29; Sl 44,11), mas o sentido que mais nos interessa abordar é o de mudança de sentimento, comportamento e atitudes e que tem presença marcante na literatura profética. A Aliança mosaica trazia consigo a exigência do cumprimento de obrigações da parte do povo e os profetas terão a missão de convocar o povo a rever essas obrigações com a “justiça e o direito” (p.ex. Jr 23,5-6). O Antigo Testamento, ao tratar da conversão, acentuava muito o aspecto cultural, a rejeição do culto pagão, a passagem da idolatria para a adoração do verdadeiro Deus e a submissão à sua Lei, concedida ao povo por intermédio de Moisés. Conversão, para os judeus, era abandonar a idolatria e cumprir o que determinava a Aliança Sinaítica. Numa perspectiva que ultrapassa o cumprimento de regras e preceitos, os profetas têm como missão anunciar uma aliança interior, mais perfeita, e interpelar o povo para o cumprimento da Lei de Deus que é, então, cuidar dos órfãos, viúvas e estrangeiros.

O profeta Amós não se limitou a anunciar o castigo de Deus para os que praticavam injustiça, mas deu ênfase à denuncia dos pecados contra a vontade divina, entre eles o luxo, a injustiça, falso culto e a falsa segurança religiosa. (cf. Am 3,15; 5,11; 4,5; 3,2). O tema *conversão* é explicitado na exortação à mudança

²⁵⁷ Witherup.R., *A conversão no Novo Testamento*, Loyola, São Paulo, 1994.p.20.

de atitude, de postura moral, religiosa e social²⁵⁸, embora o anúncio do castigo seja um ponto forte de missão profética. Amós não se limita a fazê-lo, mas explica ao povo as razões que o levaram a ele, e, em meio a uma cultura de morte, anuncia uma oferta de vida: “Procurai-me e vivereis” (5,4-6). Os v.v. 14 -15, afirmam que a sobrevivência de Israel consiste em buscar o bem e instalar a justiça no tribunal, e lutar por uma sociedade mais justa²⁵⁹. Isaías também convoca Israel à conversão (cf. Is 1,16-17;9,12) e à prática da justiça. A denuncia do pecado do povo e do castigo de Deus (Is 2,6-22 ;3,1-9; 5,26-29) estão relacionados à necessidade de mudança de atitude por parte do povo. Podemos ilustrar essa afirmação com o que nos diz Sicre, a saber:

“Se existe algo evidente é que Isaías pretendeu converter os seus contemporâneos. Suas denúncias sociais, sua crítica às autoridades e aos juízes, visam a uma mudança de conduta:” Cessai de praticar o mal, e aprendei a fazer o bem”(1,17). Suas advertências a Acáz, seu conselho de vigilância e calma, não são fórmulas vazias, exigem uma atitude nova.[...] Dizer que Isaías não tentou converter os seus contemporâneos parece totalmente contrário aos textos e à mentalidade do profeta”²⁶⁰.

Seguindo o pensamento do mesmo autor podemos concluir que o conceito de conversão na mensagem de Isaías quer significar o “*restabelecimento da relação correta do ser humano com Deus restaurando um equilíbrio que se havia perdido*”²⁶¹.

Já sobre o profeta Jeremias, Sicre nos lembra de que “se quiséssemos resumir em uma única palavra a mensagem deste profeta deveríamos falar de conversão”. Afirma, ainda, que para Jeremias, a conversão assume diferentes aspectos: culturais, sociais, mudança de mentalidade e atitude (cf. Jr 7,3-11)²⁶². Também, na mensagem de Jeremias está presente o anúncio do castigo de Deus para Israel se não houver conversão (cf. Jr7,23-28)²⁶³.

Não poderíamos deixar de tecer um breve comentário a respeito da mensagem do profeta Ezequiel. No cap.36, Ezequiel denuncia os responsáveis

²⁵⁸ Chamamos atenção para o aspecto social da conversão.

²⁵⁹ SICRE J.L. **Profetismo em Israel, o profeta, os profetas, a mensagem**, Vozes, Petrópolis, 1992, p.251.

²⁶⁰ Ibid.,p.275.

²⁶¹ Ibid.,p.275.

²⁶² Ibid.,p.295.

²⁶³ Nos profetas, a denúncia do pecado é feita através do binômio *injustiça-idolatria* (hebel). A idolatria, hoje, é o consumismo, o imediatismo, a instrumentalização e comercialização das relações humanas, tanto intersubjetivas como sociais, com a natureza e,conseqüentemente,com a religião.Cf. Jr 2,12-13 e Jr2,5

pela destruição de Jerusalém. Os reis e os poderosos são apontados por Ezequiel como praticantes da injustiça, mas no mesmo capítulo ainda, Ezequiel afirma que Deus mesmo apascentará as ovelhas seguindo o rastro delas (cf.34,11-16). Ressalte-se, na mensagem do profeta, o acento dado à iniciativa de Deus capacitando o ser humano à conversão: “Derramarei sobre vós uma água pura que vos purificará. Dar-vos-ei um *coração novo e vos infundirei um espírito novo*; arrancarei de vossa carne o coração de pedra e vos darei um coração de carne” (36,25-28).

O tema da conversão também pode ser encontrado na mensagem do profeta Oséias. Em Os 5,15, o profeta não menciona nenhum castigo, mas anuncia a necessidade de conversão: “Voltarei a meu lugar até que expiem e procurem a minha face”. Na sua mensagem, o castigo não tem a última palavra, mas é a misericórdia de Iahweh que triunfa, pois a esposa Israel será acolhida ainda que não esteja totalmente arrependida (cf. 2,4-25). Outra imagem ilustra o capítulo 11, onde Iahweh não é mais o esposo, mas o pai, e Israel não mais aparece como esposa infiel, mas como o filho(11,1). Enquanto Iahweh, como pai, ama (v.1), chama (v.2), ensina a andar (v.3a), cura (v.3b), atrai (v.4a),inclina-se para dar de comer(v.4b), Israel se afasta, não o compreende, não confia no pai preferindo os amigos. Sicre reconhece que a mensagem de Oséias tem algo de desconcertante já que inverte a nossa lógica “pecado-conversão-perdão na medida em que mostra que o perdão antecede a conversão, o que aparece mais claramente na teologia paulina na carta aos Romanos:” A prova de que Deus nos ama é que Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores “(Rm5,8)²⁶⁴.

Dentre os profetas do Antigo Testamento, apontamos também João Batista visto por Jesus como “o maior dentre todos nascidos de mulher” (Lc 7,28). João insiste na mudança de atitude, na prática da justiça, da solidariedade, compaixão e mansidão como atributos necessários para acolher o Messias enviado por Deus.

O arrependimento sempre aparece como sendo a ponte para chegar a Iahweh. O homem arrependido pode alcançar o perdão de Iahweh, e experimentar a sua salvação. O salmo 50(51), Miserere, mostra o salmista diante da tomada de consciência de sua condição de pecador e do verdadeiro arrependimento de seus pecados.

²⁶⁴ Ibid., p.258.

Na comunidade de Qumran, os banhos rituais desempenhavam o papel significativo de purificação. O texto que transcrevemos abaixo nos ajuda a perceber como a comunidade essênia realizava seus ritos penitenciais quando havia uma necessidade extrema de conversão do infiel. Eis o texto:

“Pois é por meio de um espírito de verdadeiro conselho a respeito dos caminhos do homem que todas as suas iniquidades serão eliminadas para que ele possa encarar a luz da vida. É por meio de um espírito santo que o une a sua verdade que ele será purificado de todas as suas iniquidades. É por intermédio do espírito de retidão e humildade que seu pecado será eliminado. E é pela submissão de sua alma a todas as leis de Deus que sua carne será purificada, sendo aspergido com águas para a purificação e tornado santo por águas para absolvição. (I QS III, 6b-9a)²⁶⁵

Gostaríamos de fazer uma síntese do que expomos até aqui a fim de tornar claro o sentido que quisemos realçar do conceito de conversão que já aparece no Antigo Testamento. Para tal exposição faremos uso de alguns itens do elenco sugerido por Witherup²⁶⁶, a saber:

- 1) Várias palavras e expressões são usadas para exprimir a conversão.
- 2) O Antigo Testamento faz uso de uma serie de imagens e metáforas o que nos permite afirmar que conversão não pode ser descrita apenas com termos técnicos ou teológicos.
- 3) A conversão é mais do que uma mudança externa de volta para Deus. Antes, é uma mudança interior que perpassa toda a pessoa e afeta todas as dimensões da vida sendo um ato de razão e um ato de vontade.
- 4) A conversão se dá no contexto de *relacionamento*. A aliança está na raiz do processo de conversão. Aliança feita a partir do desejo de Deus, mas que é quebrada toda vez que as *obrigações*, que nela estão implicadas, deixam de ser cumpridas fazendo com que a parte infiel seja “chamada de volta”.
- 5) A conversão aparece como processo coletivo. Deus chama todas as pessoas para, a partir de um relacionamento sincero com Ele, também estabelecerem relações fecundas umas com as outras.
- 6) A conversão é um chamado de Deus, o A.T. dá ênfase à iniciativa de Deus nesse processo, embora use mediadores (Moisés, os profetas) para se fazer ouvir pelos seres humanos.

²⁶⁵Tradução de Michael A. Knibb, *The Qumran Community*, Cambridge University, Cambridge, 1987, pp.90-91. In Witherup, op. cit. p.28.

²⁶⁶ Witherup, op. cit. p. 29.

7) A conversão é sempre descrita como um processo descontínuo. Deus é sempre fiel a sua promessa, enquanto os homens, por meio da conversão, necessitem sempre corrigir os desvios do caminho que os leva a Deus.

10) A conversão é um processo de mudança de comportamento ético.

Importa-nos seguir adiante na busca da compreensão do conceito “conversão” no mundo judaico, na época de Jesus. Será que há continuidade na compreensão de tal conceito por parte de Jesus e das primeiras comunidades? Será que o projeto de Deus para a salvação dos homens sempre fora compreendido na sua excelência? Ou será que Jesus tornou mais claro para os seus o que significava, na verdade, cumprir a “justiça e o direito” (*mispat e a sedaqá*) que resumia plenamente o verdadeiro significado do cumprir a Lei? Nossa proposta é investigar na fonte a resposta a essas questões. Sigamos, portanto, rumo ao Novo Testamento.

3.2 - Conversão no Novo Testamento

A palavra específica para conversão no Novo Testamento é “metanoia” (substantivo), que significa mudança de direção, de ânimo ou ato de arrependimento, mas é muito pouco usada no sentido preciso de conversão, e no Quarto Evangelho sequer é mencionada. O verbo *metanoieō* sugere mais uma mudança de idéia, conversão, ou remorso. No Antigo Testamento a expressão tem a ver com seu significado principal: “*a volta para Deus*”, mudança real na vida do ser humano. No Novo Testamento, a forma nominal, usada vinte e duas vezes, aparece sempre no singular. “Esse uso sugere que a conversão é um processo e não uma ação realizada de uma vez por todas”²⁶⁷. Há sempre movimento na conversão. O sentido geral da *conversão é mudar a orientação da própria vida, ou seja, reorientar as opções para Deus afastando-se do pecado*.

Nesse momento de nossa reflexão buscaremos na fonte bíblica neotestamentária o que cada um dos evangelistas, e também Paulo, têm a nos ensinar com sua teologia ou mesmo sua pedagogia teológica a respeito da conversão.

Seguiremos a ordem cronológica do surgimento dos evangelhos por considerarmos exemplar o processo de reflexão das comunidades primitivas.

²⁶⁷ Ibid.p.31.

Iniciaremos, portanto, por aquele que inaugurou o gênero literário “evangelho”
268.

A) A conversão em Marcos

O substantivo *metanoia* aparece, em Marcos, uma vez, na perícope que descreve o batismo de Jesus (1,9-13). Fabris nos lembra que o evangelista recorre a dois textos do A.T. para compor a cena: Sl2,7, “Tu és meu filho “ e Is 42,1: “Tu és meu servo, no qual se compraz a minha alma; eu coloquei sobre ele o meu espírito”²⁶⁹. Já nos versículos anteriores (v.v. 2-3), João Batista clama no deserto a iminente chegada do Messias, e exorta o povo a uma mudança de atitude: “Preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas”. Nas palavras de João Batista, já aparece explicitamente que acolher o Messias enviado por Deus exigirá conversão. Foi desse modo que a comunidade primitiva interpretou a pregação de João Batista: “um convite à mudança radical de vida, expressa publicamente mediante um gesto simbólico de imersão na água, enquanto se lembram das infidelidades tradicionais do povo de Israel, das quais os penitentes se tornam solidários” (cf. IQS I,24-II,1)²⁷⁰. A comunidade espera no Senhor, mas toma consciência de que uma reorientação da vida se torna imprescindível. Apresentaremos a seguir uma breve síntese das afirmações de Witherup acerca do tema “conversão em Marcos”²⁷¹.

O tema “conversão, em Marcos, é bastante difuso. O relato da pregação de João Batista que dá início ao seu evangelho trata com muito cuidado o “batismo de Jesus” que deveria suscitar certo desconforto para a comunidade marcana. Se Jesus deixou-se batizar por João é preciso encontrar seu sentido profundo que deve ser compreendido pela comunidade cristã. Para a comunidade primitiva, batismo estava intimamente ligado a perdão dos pecados e, portanto, tornava-se fundamental explicar o fato de Jesus, que a comunidade acolhe como Filho de Deus, ter ido ao encontro do batismo e ser imerso em águas cujo simbolismo é o da purificação dos pecados. Nessa perspectiva, o batismo, em

²⁶⁸ “Marcos é o único que intitula sua obra ‘evangelho’. Esse termo aproxima-se bem da pregação primitiva, chamada *kêrygma* que quer dizer anúncio.” Cf. MAZZAROLO I., *A Bíblia em suas mãos*, Mazzarolo Ed. Porto Alegre, 2002, p. 125.

²⁶⁹ FABRIS R., BARBAGLIO G., MAGGIONI B., *Os Evangelhos (I)*, Loyola, São Paulo, 1978, p.434.

²⁷⁰ L. MORALDI, *Mamoscritti di Qumran*, Turim, 1971, p.160. In: *Ibid.*, p. 432.

²⁷¹ WITHERUP, *op. cit.* pp.35-43.

Marcos, não remete à conversão. Não há, em Mc 1,9-11, nenhuma menção à necessidade de mudança de orientação da vida e nem de redirecionamento de conduta. O batismo, em Marcos, não é “para conversão”, mas aponta para o encontro de Jesus com aquele a quem Ele chamará de Abbá, e que lhe revela a sua paternidade. Não é sinal de conversão, mas de revelação!

Embora não haja muitas passagens onde a palavra *metanoia* seja mencionada, não se pode dizer que o tema da conversão seja ausente da teologia de Marcos. Em relação aos discípulos, Marcos sempre relaciona o seguimento de Jesus com a cruz assumida por Ele. Witherup afirma que “Marcos usa os discípulos para provocar no público que o lê /ouve o entendimento de que o discipulado é extremamente difícil, pois não é fácil aplicar a si mesmo a mensagem de conversão”. E continua dizendo que “se alguém estiver procurando um jeito fácil de ser discípulo, o evangelho de Marcos não fornecerá meios para esse auto-engano”²⁷². A missão de Jesus, segundo Marcos, não pode ser compreendida separadamente do “acolher a cruz”, ou abraçá-la. Quando escreve: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (8,34), Marcos afirma que o seguimento de Jesus não vai se dar de repente, como um milagre, mas *exigirá domínio e superação de nossas fraquezas, e na medida em que assumirmos nossas falhas, com Ele, conseguiremos ser fiéis a nós mesmos e a nossa missão*.

O tema da conversão, em Marcos, se dá pela tônica no *arrependimento* dos pecados e na *fé* em Jesus como aspectos essenciais para a acolhida do Reino de Deus. Assim, Witherup coloca em seu texto que “o entendimento de conversão apresentado por Marcos é bastante desafiador, pois o descreve em termos de discipulado e fé”. Enfatiza que a conversão, do modo como Marcos a expõe, nos impede de cair na armadilha de conversões rápidas e graça fácil²⁷³. Podemos então concluir nossa breve reflexão afirmando que, em Marcos, *conversão é condição* para o Reino de Deus anunciado por Jesus.

B) A conversão em Mateus

O evangelho de Mateus, também como o de Marcos, estabelece um paralelo entre conversão e discipulado. Witherup apresenta o tema da conversão

²⁷² Ibid., p. 42.

²⁷³ Ibid., p. 43.

em Mateus sob três importantes ângulos, a saber: dar bons frutos, o juízo final e os desafios do discipulado ²⁷⁴. Por interesse nosso, abordaremos somente dois pontos, a saber:

a) Conversão como “dar bons frutos”

Alerta-nos Witherup para o fato de que o cenário agrícola da Palestina serviu como pano de fundo para uma importante imagem de conversão que aparece nesse evangelho: colher frutos em meio à terra árida. Já na pregação de João Batista, Mateus apresenta a *conversão como um produzir frutos que testemunhem o voltar-se para Deus*, ²⁷⁵ e também fala do castigo de vir a ser cortado e lançado ao fogo.

“Como visse muitos fariseus e saduceus que vinham ao seu batismo, disse-lhes: raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, então, fruto digno de arrependimento e não penseis que basta dizer: temos por pai a Abraão. Pois eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. O machado já está posto a raiz das árvores, e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo” (3,7-10)

Jesus, concluindo o discurso evangélico (5-7) ²⁷⁶ também dirá:

“Guardai-vos dos falsos profetas que vem a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos os conhecereis. Por acaso colhem-se uvas de espinheiros ou figos dos cardos? Do mesmo modo, toda árvore boa dá bons frutos, mas a árvore má dá frutos ruins. Uma árvore boa não pode dar frutos ruins, nem uma árvore má dar bons frutos. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. É pelos seus frutos, portanto, que os reconhecereis. (7,15-20)

Mateus quer mostrar que a mensagem está dirigida, principalmente, aos discípulos que devem estar atentos aos falsos profetas que lhes poderiam atrair para o mal. Todos devem saber que as ações de uma pessoa revelam o que é realmente. Há intenção de dar ênfase a essa questão quando Mateus repete “por seus frutos os reconhecereis”, como também mostra que, no seu modo de entender a mensagem de Jesus, as pessoas colhem exatamente o que semeiam. A metáfora do fruto também aparece em 12, 22-32, quando Jesus é acusado de estar expulsando demônio em conluio com o próprio Satanás. Já em 12, 33-37, a

²⁷⁴ Ibid., p. 45-49.

²⁷⁵ Witherup faz notar o aspecto da necessidade de atitudes concretas na conversão.

²⁷⁶ Subtítulo que aparece indicando os capítulos de 5 a 7 do Evangelho segundo Mateus. In: Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulinas, 1973. Vale a pena, acrescentar um comentário a respeito dos versículos anteriores, ou seja, os vv 13.14, em que aparece a doutrina dos “dois caminhos”(termo bíblico que quer dizer conduta moral) de Mateus é encontrada nas regras de Qumran: um caminho que as más inclinações do homem acham fácil, leva à ruína; o outro caminho é difícil e leva à vida eterna. Aparece também no AT e nos escritos estoicos. In: STANLEY D.M., **Evangelho de Mateus**, São Paulo, Paulinas, 1975, p. 61.

mensagem é reforçada com a comparação bastante explícita: se as árvores são conhecidas por seus frutos, as pessoas são conhecidas por seus atos e por suas palavras, na medida em que revelam uma situação interior, ou seja, a realidade do coração mesmo²⁷⁷.

O Jesus de Mateus confirma a sua convicção de que a verdadeira vontade de Deus se faz através de uma *constante mudança interior, ao contrário do que pensava Israel que cumpria ritos externos*, quando diz em 15,11.18-20 :

“Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isto sim o torna impuro. ...Mas o que sai da boca procede do coração e é isto que torna o homem impuro. Com efeito, é do coração que procedem más intenções, assassinios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e difamações. São essas coisas que tornam o homem impuro, mas o comer sem lavar as mãos não o torna impuro.”

A imagem agrícola reaparece em 15,13, “Toda planta que meu Pai não plantou será arrancada”, reafirmando a perspectiva de Mateus de que, apesar da ênfase dada à necessidade de conversão por parte dos homens, a produtividade do Reino é iniciativa do Pai. O capítulo 13, dedicado às parábolas, apresenta uma série de imagens referentes a “dar frutos” ligado diretamente à “conversão”. Na parábola do Semeador, “o que recebeu a semente em terra boa é o que ouve a palavra e entende. Esse dá fruto, produzindo à razão de cem, de sessenta e de trinta” (13,23). Em 13, 24-30, bons e maus serão separados na ceifa escatológica, e o Reino é comparado a um grão de mostarda que, embora seja a menor dentre todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças (13,31-32). O Reino também é comparado ao fermento que faz crescer a massa.

²⁷⁷ Conforme MACKENZIE L.J., **Dicionário Bíblico**, Paulinas, São Paulo, 1983, p.183-184. O entendimento bíblico de “coração” nos remete às atividades psíquica e emocional do ser humano. O coração está alegre ou contente (Jz 18,20, Jo 16,22; At 2,26), pode sentir pesar ou tristeza (1Sm1,8; Sl 13,3), ira (2Rs6,11), ódio (Lv 19,17), medo (1Sm4,13), amor (2Cor7,3), desapontamento (Pr 13,12), impaciência e aflição (Sl 73,21). O coração é também, sede da inteligência (Mt 12,34), da decisão (At 11,23; 2 Cor 9,7), pensamentos, desejos e atos (Dt 15,9; Mc 7,21; Lc 6,45), planos e propósitos (Is 10,7), sabedoria, discernimento e conhecimento (Ex 28,3; Dt8,5; 1Rs3,12). Ganhar o coração de alguém é seduzi-lo (Gn31,20.26; 31,20.26; 2Sm15,16). As qualidades morais são atribuídas ao coração como sede das decisões. O coração pode ser puro (Sl24,40), sincero (Gn 20,5) ou reto (Dt 9,5; 1Rs 3,6). Assim, o homem é o que seu coração é e o coração é usado para designar o caráter (Mc 7,21; 2Cor 5,12). Assim, no NT, o coração é a sede das operações divinas que transformam os cristãos. O Espírito é enviado ao coração (Gl 4,6); o amor de Deus é derramado no coração (Rm 5,5; 2Cor 3,3); Cristo habita no coração (Ef 3,17). A dureza de coração é lentidão para crer nas palavras de Jesus (Mc 3,5; 6,52; 8,17).

A importância de “*dar fruto*”²⁷⁸ também recebe destaque por meio de exemplo negativo em 21,12-17 (expulsão dos vendilhões do templo) e 21,18-22 (maldição da figueira). Em ambas, Mateus quer chamar atenção para a consequência da omissão de uma verdadeira conversão.

Mas o ápice do tema conversão na modalidade “dar frutos”, em Mateus, fica explícito em 21,33-43. No v.30, é usado o termo *kairós*, que Witherup afirma que significa o tempo da ceifa, mas que também pode ser entendido como tempo de decisão profética, tempo propício para agir. Barbaglio comenta que a comunidade cristã teria encontrado sua característica essencial no fazer e que o Reino se faz presente na ortopraxis, e “que a fé na própria identidade de Igreja do Senhor não pode desconectar-se de uma verificação operativa. Mateus, como pastor solícito, quer mover sua comunidade a abandonar os comportamentos de auto complacência contemplativa e preguiçosa para assumir um empenho na práxis, realizador daquilo que ela é por vocação”²⁷⁹. Podemos inferir, a partir do pensamento de Barbaglio, que Mateus quer levar a comunidade à conversão, bem como podemos concluir, com Witherup, que a *conversão é esse tempo de agir, em mudança*²⁸⁰.

b) Conversão como desafio ao discipulado

No capítulo 18, Mateus parece estabelecer uma regra primordial para o discipulado quando nos diz v.v. 3-4: “Em verdade, eu vos digo: se não mudardes e não vos tornardes como as crianças, não entrareis no Reino dos céus”. Sobre essa ‘exigência’ para a entrada no Reino, Garcia Rubio nos alerta para o perigo de uma interpretação que não condiz com a mensagem evangélica, ou seja, de que “o Reino é preferencialmente destinado às crianças porque elas são puras, ingênuas, confiantes e portanto seriam merecedoras do Reino”²⁸¹. E ainda conforme as explicações de Garcia Rubio, as crianças eram marginalizadas e é por esse motivo que Mateus enfatiza a ‘preferência’ de Jesus por elas e “mostra que Jesus quer ensinar que devemos ser como as crianças que recebem algo do adulto sem pensar que se trata de uma obrigação, de uma exigência ou de algum merecimento”²⁸².

²⁷⁸ Cf. supra p. 75. Vimos anteriormente que Faus enfatiza essa perspectiva paulina da importância das obras da graça quando faz a leitura de Rm 5-6.

²⁷⁹ BARBAGLIO, op. cit. p.351.

²⁸⁰ WITHERUP, op. cit. p. 51. Ressaltamos, aqui, o aspecto dinâmico da conversão.

²⁸¹ GARCIA RUBIO, **Encontro com Jesus Cristo Vivo**. São Paulo, Paulinas, 11ª Ed, 2007, p. 41.

²⁸² Ibid.p. 42.

Para Witherup, Mateus entende que a vida do discípulo deve ser marcada pela humildade, fidelidade, pela lei do amor incondicional (5,43-48), pela disposição de servir aos outros (20,25-28) e pela capacidade de perdoar inúmeras vezes (18,21-35)²⁸³.

Mateus faz muitas exigências para o verdadeiro discipulado. Dentre elas queremos ressaltar algumas que consideramos mais importantes para o nosso tema. a) “*Fazer a vontade do Pai*”, é uma característica fundamental da pessoa de Jesus apresentada por Mateus. Quando Jesus ensina a oração do Pai Nosso (6,9-13), Ele coloca como um dos pedidos a serem feitos ao Pai, que a Sua vontade seja feita. Também, no Getsêmani (26,42), Jesus aplica a si mesmo essa exigência quando reza ao Pai declarando obediência a Sua vontade, O que se pode entender é que é preciso, não só identificar Jesus como Cristo de Deus, mas *é também imprescindível conformar a nossa vontade à vontade do Pai*. Em 7,21, Jesus deixa claro que os que entrarão no Reino de Deus são os que fazem a vontade do Pai.

b) Ser discípulo, na visão de Mateus, comporta *ouvir o chamado de Jesus para o cumprimento da justiça* (5,6). Não se trata de uma justiça segundo seus próprios critérios. Mateus adota uma concepção presente na tradição judaica (A.T.) que entende justiça como exigência ética que Deus faz aos homens e às mulheres. Os discípulos são chamados à perfeição (5,48), mas Mateus reconhece que são imperfeitos, chamados, *por Jesus, a serem justos, mas são pecadores* (9,13). São homens de pouca fé (6,30; 8,26; 14,31; 16,8), portanto necessitando sempre de conversão.

c) Witherup finalmente nos apresenta um terceiro aspecto das exigências do discipulado de Jesus segundo Mateus: devoção sincera. Segundo Mateus o chamado para o discipulado é radical: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33). Nada deve preceder a busca pelo Reino, nem mesmo as preocupações com a própria subsistência: “Por isso não andeis preocupados, dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber? Ou, que iremos vestir? Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo” (Mt 6,31.34). Segundo nosso autor, Mateus dá ênfase ao “chamado

²⁸³ WITHERUP, op. cit. p.54.

radical à conversão feito por Jesus, inclusive condenando a hipocrisia²⁸⁴ (cf. MT 6,2.5.7.8.16); e o culto vazio de amor (Mt 9,13;12,7; 23,23).

A conversão recomendada a todo aquele que quer ser discípulo de Jesus, deve resumir-se a *uma entrega a Deus, de todo o coração, alma, mente, pensamentos, sentimentos e vontade*²⁸⁵. Entregar-se, totalmente, significa conversão plena a Deus (19,16-24). O seguimento de Jesus não é um caminho fácil de ser assumido. Pelo contrário, ele mesmo revela no sermão da montanha o quanto é difícil e desafiador. Em primeiro lugar aos discípulos, mas também a toda multidão presente, Jesus felicita-se, não mais com os que se encontram em situações difíceis, mas com os que se empenham em *construir relações exemplares com Deus e com os irmãos*. Diante das palavras de Jesus, cada homem e cada mulher são chamados a tomar posição, a mudar de vida.

Witherup lembra-nos que Mateus é o único evangelista a usar a palavra grega “*metamellomai*”. Ele o faz em três oportunidades, em duas passagens distintas, a saber : Mt 21,29. 32 e 27,3, e numa terceira vez, a palavra *metamellomai* aparece em Mt 27,3-10 (suicídio de Judas) cujas sentenças principais, segundo a Tradução Ecumênica da Bíblia,²⁸⁶ apresentamos a seguir:

“Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado, foi *assaltado de remorsos (metameletheis)* e devolveu as trinta moedas de prata aos sumos sacerdotes e aos anciãos, dizendo: ”Pequei entregando *sangue inocente*” Mas eles disseram: “Que nos importa? Tu que te avenhas!”Então ele se retirou, *atirando o dinheiro em direção ao santuário, e foi enforcar-se*” (23,3-5). Para Witherup, parece evidente que os tradutores dessas edições querem mostrar que Judas teria sido acometido de um pesar de cunho psicológico, e não de um verdadeiro arrependimento ou conversão. O autor, no entanto, considera um ato de conversão, ainda que incompleto ou falho. Ele fundamenta sua posição com três considerações, a saber:

²⁸⁴ “A idéia original de hipocrisia vem das máscaras que os atores gregos usavam no palco. Jesus chama os discípulos para uma existência humana autêntica, de acordo com as leis de Deus, não ‘usando máscaras’, isto é, desempenhando papéis ou realizando rituais religiosos vazios”. Cf. Ibid..p.55.

²⁸⁵ Todas as dimensões da pessoa estão implicadas no processo da conversão.

²⁸⁶ No início de nossa pesquisa nos propomos a retirar todas as citações bíblicas da Bíblia de Jerusalém. No entanto, aqui o fazemos a partir da recomendação do autor, mas que conferem literalmente com nossa proposta.

- 1) Judas usa a expressão *pequei*, que no NT, indica o início do processo de conversão (esse reconhecimento de pecaminosidade tem lugar de destaque e aparece na Parábola do Filho Pródigo).
- 2) A expressão "*sangue inocente*" faz transparecer que Judas reconhece que seu ato contribuiu para a condenação de um inocente
- 3) Atirar o dinheiro de volta pode nos levar a pensar que Judas *desejou separar-se do seu comportamento anterior*²⁸⁷.

Witherup lembra que “falta um elemento nesta narrativa da conversão de Judas: seu suicídio elimina a possibilidade de receber perdão extremoso do Pai.” No entanto, Witherup ressalta ser esse “um elemento que compõe um *exemplo negativo de conversão*, pois Judas não coloca toda a sua vida nas mãos de Deus”²⁸⁸. O perdão de Deus fica, assim, substituído pela auto-suficiência de Judas que prescinde do agir de Deus em seu favor, e decide por si mesmo o rumo da própria vida. Judas não pode “alienar” seu destino, pois não conhece Jesus, não fez a experiência de percebê-lo Messias enviado por Deus. Pedro nega Jesus quando perguntado se o conhecia (Lc 22,55-62; Mt 26,69-75; Mc 14,66-72; Jo 18,15-17.25-27), mas, segundo o relato do Livro dos Atos, chora amargamente, e mais tarde, depois do evento de Pentecostes (2,1-24) quando do derramamento do Espírito Santo sobre todos os que estavam ali reunidos, Pedro recita o que diz a profecia de Joel (At 2,16), reconhece Jesus como Senhor e Cristo (At 2,36), *reorienta sua vida*²⁸⁹ e inicia a pregação levando adiante a mensagem de Jesus: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus para a remissão de vossos pecados. Então receberéis o dom do Espírito Santo”(At 2,38).

Podemos inferir que, em Pedro, encontramos um coração aberto ao encontro com Jesus que se dá, apesar de sua fragilidade que é própria do humano. Ao contrário, em Judas encontramos o fechamento a essa possibilidade, pois nada esperava da parte daquele a quem traíra. Não pode “esperar” senão reprovação e castigo que aponta uma atitude bem diferente daqueles que se “encontram” com Jesus como, além de Pedro, a mulher Samaritana (Jo 4,6-42), o cego de nascença (Jo 9,6-41) e Lázaro (Jo 11,1-26). Judas, ao contrário de Pedro, não pode receber

²⁸⁷ Desejamos enfatizar esse aspecto da conversão referente à mudança de atitude.

²⁸⁸ WITHERUP.R.D., op. cit. p. 58

²⁸⁹ GOFFI T nos ensina que “se o AT sugere a conversão (*shub*), sobretudo como mudança do caminho desviado antes percorrido, o NT propõe conversão como mudança total do próprio modo de pensar e agir, como renovação integral do eu. In: Dicionário de Espiritualidade,p. 202.

o perdão, pois está voltado para si mesmo e, em si mesmo não encontra outra solução senão a morte. A conversão, em Mateus, é *uma questão de escolha*. Judas escolheu a morte, mas na vida de Pedro a morte não tem a última palavra. Ele escolheu a vida.

C) A conversão em Lucas

Segundo o pensamento do autor que privilegiamos na apresentação do conceito de conversão no Novo Testamento, o evangelho de Lucas demonstra, para essa temática, maior interesse do que os outros dois sinóticos juntos²⁹⁰. Além de outros temas, Lucas relaciona a conversão ao perdão dos pecados, reconciliação, salvação, misericórdia e alegria. Essa relacionalidade do tema conversão enfatiza o cunho escatológico da conversão presente em Marcos e Mateus, e reforça a *dimensão pessoal da conversão*²⁹¹.

Já nos relatos da infância, fica evidente o quanto é importante para Lucas tratar o tema conversão. A palavra *epistrephō*, cujo significado é *reconduzir*, aparece duas vezes quando da anunciação do nascimento de João Batista que reconduzirá os filhos de Israel ao Senhor, como também virá para reconduzir os pais aos seus filhos (cf. Lc 1,15-17)²⁹². Essas duas dimensões da missão de João Batista apontam para dois pontos muito importantes que clareiam a perspectiva de conversão na obra lucana; João deverá *reconduzir Israel a Deus, mas também reconduzir as pessoas umas às outras*. Como nos elucidava Fabris, “esse caminho, segundo Lucas, é proposto, em primeiro lugar, ao grupo que segue Jesus rumo a Jerusalém. Esse é o caminho ideal, o projeto do homem novo que é estendido àqueles que desejam segui-Lo. E quem segue Jesus, é um homem que *fez uma*

²⁹⁰ LACAN, Marc-François citado por Witherup R.D., op. cit. p. 62.

²⁹¹ MICHIELS, R. citado por WITHERUP R.D., op. cit. p. 62.

²⁹² Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002. nota ‘1’, referente a Lc1,17. “Segundo Mt 3,23-24, pensava-se que a volta de Elias devia preceder e preparar o Dia de Iahweh. João Batista será o “Elias eu há de vir”(cf. Mt17,10-13; Lc 9,30). Reproduzimos Mt 3,23-25 para sua conferência : “Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema.” Acrescenta, ainda a nota referente a essa passagem que Elias, arrebatado ao céu(cf. 2 Rs 2,11-13), voltará. Este retorno, anunciado aqui, permanecerá traço importante da escatologia judaica(cf. livro de Henoc). Jesus explicou que Elias veio na pessoa de João Batista (Mt 11,14; 17,10-13+; c 9,11-13).

escolha radical, ponderada como quem faz uma construção ou uma guerra.(cf. 14,28-32)”²⁹³.

A narrativa da infância de Jesus, em Lucas, segundo Fabris, estabelece o padrão da conversão como resultado da ação de Deus voltada para o seu povo, pois não só envia mensageiros especiais como o Batista, como também sustentará a missão de Jesus e vida da Igreja²⁹⁴. Fabris também nos lembra de que, mesmo enquanto ridicularizado na crucifixão, Jesus nos dá mostras de sua fidelidade “ao seu próprio caminho de obediência”. Enquanto o povo grita “A outros salvou, que salve-se a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito”(23,35), Jesus continuava a dirigir suas ações salvíficas para os outros: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (23,34). A temática da conversão, em Lucas sempre aparece ligada à questão do *perdão dos pecados* e à salvação²⁹⁵. Também nos é dado concluir que o *perdão dos pecados e reconciliação* estão intrinsecamente ligados à conversão diante da resposta que Jesus dá aos fariseus que murmuravam e diziam aos seus discípulos: “Por que comeis e bebeis com os publicanos e os pecadores? Diante do que Jesus toma a palavra e diz: “Os são não têm necessidade de médico e sim os doentes; não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento.”(5,31-32). Aparece claramente que a *reconciliação e o perdão do Pai* são o remédio para curar o pecado do ser humano, a fim de que possa lançar-se no processo de conversão numa resposta positiva ao convite de Deus ²⁹⁶.

Outra perspectiva de conversão em Lucas pode ser encontrada no episódio que narra o encontro de Jesus e Zaqueu, quando esse último, esforçando-se para ver Jesus, sobe numa árvore. A partir dessa atitude de Zaqueu, de querer conhecer o Mestre, Jesus vai dirigir-se a ele e Zaqueu vai adotar, para si, o caminho radical, sempre sugerido por Lucas (cf. Lc 19,5-10).

Ao lado da ação de Jesus que sempre demonstra o poder de perdoar os pecados, e assim oferece a salvação a um coletor de impostos, Lucas assinala o

²⁹³Interessa-nos sobremaneira essa intuição a respeito da “escolha radical” apontada por Lucas como veremos, mais adiante, no caminho percorrido pelo Filho pródigo (Lc 15,11-32).Cf.FABRIS,R. MAGGIONI. B., op. cit.,p. 19.

²⁹⁴ “Entre os evangelhos, Lucas é o que dá maior ênfase ao Espírito Santo. Em Lucas, o viver segundo o Espírito é caminhar em um processo de crescimento e fortalecimento ,o que possibilitaria aos homens e mulheres viver em constante conversão ao Deus do Reino. O espírito vem em nosso socorro, pois Deus nos ama infinitamente e, portanto, nos deixa livres para responder ao seu chamado. Cf. MOREIRA G.L., **Lucas e Atos, uma teologia da história**, Paulinas, Rio de Janeiro, 2004, p. 37-47.

²⁹⁵ Cf. FABRIS,R., op. cit. p. 63-64.

²⁹⁶ Cf. Witherup. R., op. cit. p. 64.

caráter fundamental das ações de Zaqueu. Jesus lhe diz que deseja ser “seu hóspede”, ao que Zaqueu responde com alegria e prontidão²⁹⁷. Podemos constatar, a partir dessa observação, que *Deus nos convida sempre para uma vida plena no seu amor, mas cabe a nós a decisão*²⁹⁸. Podemos dizer sim ou não; de um modo ou de outro, estaremos iniciando uma *caminhada de salvação ou perdição*. O sim dará início à conversão que perdurará ao longo de toda a vida num processo de abertura a Deus, aos outros, ao mundo criado, e principalmente ao interior de nós mesmos. O “não” abre outro caminho, o da perdição, que também poderá permanecer ao longo da vida, enquanto fechados ao amor de Deus e à sua proposta de amor, então, conheceremos a morte, a solidão e a dor do não-amor (Cf. Sb 2,23.24; Rm 5,12-19).

Em Lucas, a caminhada do crente rumo à conversão aparece sempre permeada pela alegria. Mas será que não há um aspecto negativo a considerar? Witherup faz uma longa explanação a respeito desse deslocamento do entendimento de Lucas sobre a conversão, que apresentaremos, em síntese²⁹⁹: Afirma ele que “Lucas com a ajuda de seu tema favorito, pobres e ricos, vai revelar um aspecto diferente onde não se encontra a alegria. Na perícopes 16,19-31, Lázaro morre e vai para o seio de Abraão, enquanto o homem rico vai para a morada dos mortos. Não se trata de uma ameaça diante de nossa possível desobediência, mas uma ênfase no fato de que os *meios* (grifo do autor) para ouvir a mensagem de conversão já estão ao alcance dos que desejam conhecê-la. A figura de Moisés aponta para o Antigo Testamento, ou seja, *os que desejarem a conversão serão atraídos para as Escrituras*³⁰⁰ onde encontrarão ensinamentos suficientes para iniciar o processo que levará ao encontro com o Deus do Reino. Witherup chama a atenção para a referência à ressurreição feita no v.31b que anuncia que, mesmo depois da ressurreição de Jesus, a mensagem não será ouvida, o que significa que *haverá um tempo difícil até que todos aceitem a*

²⁹⁷ Ibid., p. 68.

²⁹⁸ Esse é o aspecto subjetivo da conversão e deve ser privilegiado para a compreensão da escolha exigida no relacionamento do ‘novo crente’ com a religião conforme veremos no último capítulo deste trabalho.

²⁹⁹ Ibid., pp.69-73.

³⁰⁰ Mais tarde retornaremos a essa questão. Importa-nos agora, explicitar essa realidade que aparece nos textos lucanos. A Sagrada Escritura é um lugar privilegiado do encontro do ser humano com Deus, e a religião pode ser, nesse caso, um instrumento de facilitação do entendimento da mensagem. A conversão, como quer mostrar nossa pesquisa, se dá no interior do coração humano e a fé pessoal, embora alimentada pela fé comunitária, é pioneira nessa resposta positiva ao chamado de Deus.

mensagem do Evangelho. O evangelho de Lucas, no seu final, mostra o Jesus Ressuscitado instruindo os discípulos, antes de sua ascensão: “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que, em seu Nome, fossem proclamados a *conversão e o perdão dos pecados* a todas as nações”(24,46. 47).

A menção à conversão e ao perdão dos pecados recupera e plenifica a pregação do Batista, pois o ciclo está completo. Embora a mensagem não tenha sido acolhida pelos judeus, fica evidente a ligação entre *conversão e perdão dos pecados*. Lucas estaria seguindo os ensinamentos de Jesus, que na passagem relatada em 17, 3-4, justapõe os verbos principais para a conversão com o verbo “perdoar”. Eis a passagem referida:

“Se teu irmão vier a te ofender, repreende-o; e se ele se arrepender (*metanoese*), perdoa-lhe. E caso ele peque contra ti sete vezes por dia, e sete vezes voltar (*epistrepse*), dizendo: Estou arrependido, tu lhe perdoarás.”

Permanece a preocupação de Lucas com a dimensão horizontal da conversão, ou seja, *não é só a Deus que os que desejam a conversão devem se dirigir, mas aos irmãos e irmãs*. É fundamental o entendimento acerca do que está inscrito em todo o corpo deuteronomístico³⁰¹, ou seja, o “amar a Deus” está intimamente ligado ao “amar o próximo”. *Não existe amor a Deus sem que haja disposição para amar o próximo. São dois lados da moeda da conversão, e, portanto, devem ser vistos como inseparáveis*³⁰².

Na oração do Pai Nosso³⁰³, Jesus ensina aos discípulos a pedir um perdão a Deus que parece estar condicionado ao perdão oferecido por eles aos seus devedores (11,4). Esse pedido que constitui parte da oração ensinada por Jesus refere-se a uma necessidade do ser humano para a sua conversão: o perdão dos pecados, mas aqui parece estar vinculado e mediado pelo perdão fraterno entre os

³⁰¹ Dt 11,13.22; 19,9; 30,16; Js 22,5; 23,1 Cf. MOREIRA G., op. cit. nota nº 18, p. 87.

³⁰² Aqui há evidência na necessidade de compromisso com os irmãos no processo de conversão verdadeira.

³⁰³ Os diferentes grupos religiosos do tempo de Jesus se distinguiam pelas fórmulas específicas de oração: fariseus, qumrânicos, (essênios), discípulos de João e os discípulos de Jesus, que rezam numa forma típica atribuída aos seus ensinamentos. A oração do Pai Nosso é conservada em duas versões : Mt 6,9-13 e Lc 11,1-4. As duas diferem não só pelo contexto, mas também pela forma e amplitude. A versão de Mateus tem 7 pedidos enquanto a de Lucas tem 5, o que pode ser explicado pelas diferentes tradições litúrgicas, adaptações feitas pelos evangelistas levando em consideração seus respectivos ambientes. Mateus se dirige aos judeu-cristãos enquanto Lucas fala aos pagãos convertidos ao cristianismo. Cf. FABRIS, op. cit. p. 128. Também vale recordar o que nos diz L’Eplattenier: “Ficamos sabendo de passagem que teria ensinado aos seus um modelo de oração ao qual Lucas é o único a aludir, que não chegou até nós”. Cf. L’EPLATTENIER. C., **Leitura do Evangelho de Lucas**, São Paulo, Paulinas, 1993, p. 115.

seres humanos ³⁰⁴. Esse, portanto, é um aspecto da conversão bastante desafiador apresentado por Lucas, sem falar das reprimendas às cidades de Corazin e Betsaida (10,13-16) e a menção ao sinal da conversão de Jonas que deve ser observado (11, 29-32). Lucas faz uma forte advertência, a saber:

“Essa geração é uma geração má; procura um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal de Jonas. Pois, assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim também o Filho do Homem será um sinal para esta geração. [...] Os habitantes de Nínive se levantarão no Julgamento juntamente com esta geração, e a condenarão, porque se converteram pela pregação de Jonas, e aqui está algo mais do que Jonas”

Apesar dessa advertência, Lucas quer mostrar que a atitude divina em relação à conversão caminha ao lado do perdão e da bondade. Quando um pecador se arrepender e se dispuser a voltar, o céu se abrirá e o mesmo será recebido com braços abertos para acolhê-lo (cf. Lc 15, 20). Ainda sobre o tema do “sinal”, Fabris vai nos dizer que “Jesus recusa-se a dar um sinal, uma prova espetacular e evidente, que dispense a multidão de *tomar uma decisão livre* que lhe *poupe o risco de escolher*. Jesus, ele mesmo é o sinal mediante a sua palavra, que é um apelo à conversão muito mais urgente que o sinal que o profeta Jonas dirigiu aos habitantes pagãos de Nínive” ³⁰⁵.

Há uma versão ainda mais dura de conversão, pois é seguida de uma ameaça, numa passagem que aparece, exclusivamente, em Lucas, (13,1-5). Vejamo-la:

“Nesse momento vieram algumas pessoas que lhe contaram o que acontecera com os galileus, cujo sangue Pilatos havia misturado com o das suas vítimas. Tomando a palavra, ele disse:” Acreditais que, por terem sofrido tal sorte, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Não, eu vos digo; todavia, se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo. Ou os dezoito que a torre de Siloé matou em sua queda, julgais que a sua culpa tenha sido maior do que a de todos os habitantes de Jerusalém? Não, eu vos digo; mas se não vos arrependerdes, perecereis todos de modo semelhante.”

Se contrastarmos com o primeiro aspecto mencionado que colocava em estreita relação à conversão e a alegria, parecer-nos-á paradoxal, mas o que Lucas está sugerindo é que *a falta de conversão pode gerar desvario imediato*, ou seja, parece que a mensagem é: se não mudarmos a nossa vida através da conversão, o mesmo fim rápido e inesperado nos espera. Segundo Witherup, enquanto Mateus e Marcos fazem uso da figueira como imagem da destruição que virá sobre

³⁰⁴ Cf. FABRIS op. cit. p. 129.

³⁰⁵ Cf. Ibid.,p.134.

Jerusalém, só Lucas registra esta parábola da figueira num chamado firme, enérgico à conversão em seu sentido mais profundo. A imagem é a mesma que em 3,8-9: a árvore que não *faz* fruto deve ser cortada. Mas a intercessão do vinhateiro faz com que o dono da vinha dê um ano mais de prazo. Há uma estreita semelhança entre a paciência que o dono da vinha tem com a árvore infrutífera e a que Deus tem com seus filhos desviados, que sempre têm mais uma oportunidade. L'Eplattenier diz que “essa breve parábola, em Lucas, dá uma mostra do admirável amor de Jesus pelos incrédulos e impenitentes que *ele estimula, para levá-los à conversão* e da paciência de Deus da qual se vê testemunha, em contraposição à teologia do julgamento que João Batista inspirava”³⁰⁶.

Em Lc 22,32, Jesus atribui a Pedro a missão de confirmar os irmãos na fé. No entanto, Pedro só poderá fazê-lo após a própria conversão. Pedro recebe de Jesus uma palavra que lhe confere um papel importante na direção da fé em relação aos outros apóstolos, mas essa missão está atrelada à conversão de Pedro. É a partir do reconhecimento de si mesmo como pecador e do reconhecimento de quem é realmente Jesus, que Pedro, liberto do medo, se tornará “pescador de homens” (cf. Lc 5,10).

Não só Pedro, mas todos os que após a ressurreição reconhecerem em Jesus, O Cristo, serão chamados a proclamar a Boa Nova anunciando o Evangelho a toda criatura. Portanto, as primeiras comunidades cresceram em torno do querigma³⁰⁷ e muitos “fizeram-se batizar, e acrescentaram-se a eles, aquele dia, cerca de três mil pessoas” (cf. At 2,41b).

Para concluir o tema da conversão em Lucas, queremos focar nossa atenção na parábola do Filho Pródigo (Lc15,11-32), pois em nenhum outro lugar, Lucas revela maior interesse na reconciliação e perdão dos pecados como caminho para a conversão. Essa parábola, na verdade, está inserida num grupo de textos que

³⁰⁶ L'EPLATTENIER. C., op. cit. p. 130.

³⁰⁷ A Bíblia de Jerusalém, na nota ‘g’ referente à At 2,22, explica que “o conteúdo da pregação apostólica primitiva, isto é, o querigma, do qual temos aqui a primeira exposição, foi-nos esquematicamente transmitido em cinco discursos de Pedro (At2,14,39; 3,12-26; 4,9-12; 5,29-32; 10,34-43) e em um de Paulo (13,16-41). No centro, um testemunho(1,8+) tendo por objeto a morte e a ressurreição de Cristo (2,24+) e sua exaltação(2,33;2,36). Depois, pormenores sobre sua missão anunciada por João Batista (10,37;13,24), preparada por seu ensinamento e seus milagres(2,22; 10,38), concluída pelas aparições do Ressuscitado (10,40,41; 13,31), e a efusão do Espírito (2,33;5,32). Enfim, perspectivas mais largas.mergulhando no passado pelas profecias do AT (2,23; 2,25) e olhando para o futuro: chegada dos tempos messiânicos e apelo à conversão dirigido a judeus e pagãos(2,38)para apressar a Volta gloriosa de Cristo(3,20-21). É o esquema seguido pelos evangelhos, que desenvolveram a pregação primitiva.

contemplam o tema da recuperação do que estivera perdido, do fazer voltar à situação anterior, ou da conversão. Em 15,4-7, o pastor deixa 99 ovelhas no deserto e toma a iniciativa de recuperar *uma* que se havia perdido. E fica patente a alegria desse reencontro. Em seguida, Lucas relata a parábola da moeda perdida usando, dessa vez, uma mulher como protagonista da história. E o tema culmina nos vv. 11-32, e Witherup lembra que Lucas não faz uso das palavras conversão e arrependimento ou retorno, mas deixa a força da história comunicar sua mensagem. Até o v.24, o ponto mais impressionante da parábola é a extravagância do amor do pai que não só dá a herança ao filho deixando-o partir sozinho, num ato de respeito à sua decisão, como também o acolhe de braços abertos sem nada exigir, mas pelo contrário, reverte a situação, e ao invés de mostrar indignação, demonstra alegria dizendo “este meu filho estava morto e voltou a viver, estava perdido e foi reencontrado”. Os vv 25-32, apresentam uma dificuldade para o nosso senso de justiça. O filho mais velho parece ter razão na sua irritação em relação ao tratamento dado pelo pai ao irmão que volta, pois achamos que o filho pródigo³⁰⁸ não merece festa. “Mas o Jesus de Lucas diz que é exatamente assim que são tratados os pecadores que decidem voltar, admitir o erro, humilhar-se para recomeçar de novo e voltar ao Pai”³⁰⁹.

C') Conversão nos Atos dos Apóstolos

Dando continuidade à obra de Lucas está o Livro dos Atos dos Apóstolos. É o livro da conversão, por excelência. Ali se pode encontrar o relato da conversão de Paulo e de Pedro, bem como dos pagãos ao cristianismo, e mesmo dos judeus que aceitaram Jesus como o messias enviado por Deus e, assim, trocaram de religião³¹⁰. No entanto, adverte-nos Witherup, é preciso examinar algumas passagens, em especial, para verificar sua coerência com todo o resto do Novo Testamento. O mesmo autor afirma que Lucas, em Atos, vai fazer uso dos mesmos verbos para conversão - *metaneō* e *epistrephō* – que fazem referência a

³⁰⁸ Cf. supra p. 27. Consideramos válido também, fazermos a mesma observação a respeito do filho mais novo e peregrino da parábola e a figura do peregrino que Daniele Hervieu-Léger caracteriza como aquele que escolhe sair de casa e aventurar-se por outros caminhos. Quer desprender-se de tudo o que lhe é imposto, quer escolher e decidir seu destino. Deseja a própria autonomia, independência. Sai em busca de sentido pra vida sem nenhum compromisso com o que ficou para trás. HERVIEU-LÈGER D., op. cit. pp. 109.

³⁰⁹ Cf. WITHERUP op. cit. p. 68.

³¹⁰ Ibid.,p. 75.

como os israelitas concebiam a necessidade de conversão: eles relacionavam o afastamento de Deus³¹¹, a idolatria e a necessidade de conversão. Lucas aborda o tema associando-o com o *afastamento do pecado e à busca de Deus* o que pode ser comprovado em um dos discursos de Pedro: “É para vós que Deus primeiro suscitou, depois enviou seu servo, para vos abençoar, *desviando cada um de vós das suas más ações*” (At 3,36)³¹². Assim, podemos perceber que Atos associa arrependimento e conversão de forma bastante evidente como, por exemplo, no discurso de Pedro (At 3,19), e também, mais tarde, quando Paulo faz um discurso diante do rei Agripa (At 26,20).

Witherup organiza o tema da conversão em Atos de três modos diferentes, que apresentamos a seguir; 1) conversões individuais 2) Em contraposição ao tratamento dado à conversão nos sinóticos, Atos dirige a mensagem da necessidade de conversão aos “de fora” da comunidade cristã. 3) A conversão como mudança do paganismo para o cristianismo. Desse modo, nosso autor dá ênfase ao fato de que, “grande parte do ensinamento sobre conversão, em Atos, está contido em discursos de personagens importantes da narrativa, em diversas ocasiões³¹³”. Como, por exemplo, no discurso de Pedro, em At 2,37-39, que resume o significado da vida, morte e ressurreição de Jesus. Ainda outro discurso de Pedro, em que ele reforça a mesma mensagem salvífica vai ilustrar como o Livro de Atos *relaciona intimamente a conversão com arrependimento dos pecados*. Pedro imputa a responsabilidade da crucificação de Jesus ao povo que “acusou o Santo e o Justo, e exigiu que fosse agraciado um assassino” (cf. At 3,14), mas ao mesmo tempo atribui tal atitude à ignorância do povo: “Entretanto, irmãos, sei que agistes por ignorância” (At 3,17), e logo exorta o povo à

³¹¹ Neste versículo 39, Lucas refere-se ao bezerro de ouro com o qual os israelitas, no deserto, cometem idolatria. Refere-se ao que diz Nm 14,3 e Ex 32,1-6. A nota de rodapé (s) referente ao subtítulo do capítulo 32, do Livro do Êxodo, da Bíblia de Jerusalém, traz esclarecimentos que transcrevemos aqui; “ O bezerro de ouro, assim chamado por ironia, é da fato imagem de um novilho, um dos símbolos divinos do antigo Oriente. Um grupo concorrente com o grupo de Moisés , ou uma facção dissidente desse grupo, quis ou pretendeu ter como símbolo da presença do seu Deus uma figura de touro em vez da arca da Aliança. Esse episódio é , geralmente mencionado para fazer referência a idolatria como afastamento de Deus substituindo-O por outro deus.

³¹² A precisa palavra grega usada é *apostrophê*, in: *Ibid.*, p. 75.

³¹³ No entanto, contemplando o mesmo tema sob um enfoque distinto, Jacques Dupont afirma que, em Atos, três coisas são essenciais à conversão: senso de pecaminosidade, relacionamento com a ressurreição de Jesus e uma dramática mudança de vida. No que diz respeito à ressurreição de Jesus, a conversão seria um estado adquirido como consequência do ligar-se a uma comunidade de fé “fundada na ressurreição e sustentada pelo poder do Espírito Santo”. DUPONT J. citado por WITHERUP R. op. cit. pp. 76.77.

conversão dizendo: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, a fim de que sejam apagados os vossos pecados, e deste modo venham da face do Senhor os tempos do refrigério”(At 19.20).

Podemos inferir que, em Atos, *a palavra de conversão é dirigida a um grupo de pessoas, à comunidade, mas são os indivíduos dentro da comunidade que devem responder individualmente ao chamado. É preciso estar na comunidade para “escutar” essa palavra com a ajuda dos demais membros, mas a resposta deve ser buscada individualmente.* Aparece o batismo em nome de Jesus³¹⁴ para que aquele que deseja voltar-se para Deus encontre perdão dos pecados, e também receba ajuda como mediação desse encontro através da integração na comunidade cristã.

O Livro dos Atos faz uma referência aos “que estão longe”. Não é aos judeus da diáspora que Lucas quer referir-se, mas aos pagãos (cf. At 22,21), ou seja, a referência não tem intenção de mencionar uma distância geográfica ou física, mas aos de fora da religião judaica, *considerados “fora da salvação”*. Essa observação visa ressaltar que a visão de Lucas é arrojada e claramente colocada nos textos dos Atos, principalmente no final da obra em At 28,28, que relata o encontro de Paulo com os judeus, em Roma, quando ele lhes fez “uma exposição, dando testemunho do reino de Deus e procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela Lei como pelos Profetas. “[...]Uns se deixaram persuadir pelo que ele dizia; outros, porém, recusavam-s e a crer”(cf. 28,23b-24).

Parece que o fato de os judeus não ouvirem a mensagem de conversão e a disposição dos pagãos de fazê-lo têm sérias conseqüências na economia da salvação apresentada por Lucas-Atos.³¹⁵ A negativa por parte dos judeus de não responder ao chamado de Deus pode ser atribuída à ignorância³¹⁶ e à execução de Jesus, mas o foco nos gentios pode simbolizar a difusão do evangelho “até as extremidades da terra”(1,8). Segundo Witherup, esses dois aspectos podem ser percebidos, claramente, quando Paulo e Barnabé fazem uma dura declaração em 13, 46.47, que transcrevemos abaixo:

“Era preciso que a vós primeiro fosse dirigida a palavra de Deus. Uma vez, porém, que a rejeitais e julgais a vós mesmos indignos da vida eterna, nós nos voltamos

³¹⁴ O batismo pela fórmula trinitária (Pai, Filho e espírito santo) é desenvolvido mais tardiamente, mas está evidente em Mt 28,19. Cf, WITHERUP.R. op. cit. p. 77.

³¹⁵ Ibid., p. 78.

³¹⁶DUPONT. J., *Conversion in the Acts of the Apostles, in Salvation of the Gentiles*, Nova Iorque,Paulist, 1979. p. 64.

para os gentios. Pois, assim nos ordenou o Senhor: *Eu te estabeleci como luz das nações, para que sejas portador de salvação até os confins da terra*”.

Como dissemos acima, Atos focaliza casos de conversões individuais em continuidade com o tratamento personalizado que Lucas confere ao tema. Witherup dá grande importância ao destaque especial que Lucas atribui aos “casos memoráveis de conversão”. Afirma ele que, em Atos, “há passagens resumidas idealizadas que fazem afirmações gerais como ‘E o Senhor ajuntava, a cada dia, à comunidade os que encontravam a salvação’ (2,47; cf. 16,5), para dar impressão de conversões constantes, mas os casos de conversão individual contêm as informações mais significativas”³¹⁷.

Dentre as conversões individuais podemos citar cinco: o eunuco etíope (8,26-40); Paulo (9,1-9; 22,6-16; 26,12-18), Cornélio (10, 1-11,18; 15,7-11), Lídia (16,14-15) e o carcereiro filipense (16,25-34).³¹⁸

A passagem 8,26-40 refere-se, provavelmente a um estrangeiro, pagão, temente a Deus (cf. 10,2) que aceitava, em parte, os costumes judaicos, sem, no entanto, praticar a circuncisão. Alguns aspectos característicos da conversão, como aparecem em toda a Bíblia, estão presentes identificando a perícopes com outros casos e confirmando seu escopo principal: a conversão como um ato de Deus. Vejamos de quais aspectos falamos: O “anjo do Senhor” instrui que direção Filipe deve tomar; o lugar de destino está deserto e o Espírito Santo o instrui para que alcance o carro do eunuco e, por fim, depois da conversão, Filipe desaparece milagrosamente. A perícopes evidencia que *o processo de conversão é uma iniciativa de Deus* mediada pelo apóstolo. Outra realidade bastante significativa é “que a ignorância é superada pelo acesso às Escrituras, é pedido o batismo pela água, e o Espírito Santo age na conversão. A história tem perfil cristocêntrico, pois o eunuco, sendo pagão, é levado a converter-se para Jesus. E finalmente, o convertido eunuco prossegue seu caminho com alegria. A alegria, no entender do NT, é fruto do Espírito Santo recebido pelo eunuco, no batismo.

Fazemos uso das palavras de Luís Mosconi para fundamentar uma intuição nossa a respeito do “coração ser o lugar da conversão”³¹⁹, e que faz parte do

³¹⁷ WITHERUP.R.D., op. cit. p. 81.

³¹⁸ Witherup chama a atenção para o fato de o vocábulo grego tradicional de conversão estar ausente nessas perícopes, mas acrescenta que esse não precisa estar sempre presente para descrever o processo de conversão. cf. Ibid., p. 81.

principal objetivo desta pesquisa, que é interrogar a teologia sobre a possibilidade de o ‘novo crente’ *realizar a experiência com Deus*, independente da filiação institucional religiosa específica, e se essa experiência já pode ser considerada como o início do processo de conversão .

“É interessante notar como as pessoas da casa de Cornélio (filhos, empregados, amigos) receberam o Espírito Santo antes mesmo do batismo(10,47-48). O batismo é sinal de pertença à Igreja , mas vai muito além das fronteiras de qualquer igreja. Atua mesmo no coração das pessoas . O mesmo se deu com Paulo. O Espírito Santo vinha atuando nele que se deixou conduzir pelo Espírito de Jesus(9,3-6). Onde há pessoas praticando o bem, buscando o caminho certo, aí já há a presença do Espírito Santo”³²⁰.

Abordaremos, ainda em Atos, a conversão de Cornélio, centurião romano (também “um de fora” da religião), que é narrada diversas vezes, donde inferimos sua importância para a expansão do cristianismo e o fortalecimento da fé cristã. A perícopes da qual nos ocuparemos nesse momento é At 10,1-8.22.30-33; 11,11-14. Witherup nos fornece um esquema que nos permite “acompanhar os acontecimentos” que nos levam a perceber o escopo principal da perícopes que é a da conversão dos pagãos, mais que a de Cornélio, pessoalmente. Pedro é a figura principal e, já antes de At 10, ele aparece atuando para a conversão de muitos. Em 9,32-35, cura num paralisado o que leva à conversão de muitos. Vejamos, então, a passagem:

“Aconteceu que Pedro, que se deslocava por toda parte, desceu também para junto dos santos que moravam em Lida. Encontrou ali um homem chamado Enéias, que havia oito anos estava na cama: era paralisado. Pedro então lhe disse”. Enéias , Jesus Cristo te cura “Levanta-te e arruma teu leito”. Ele, imediatamente levantou-se. Viram-no todos os habitantes de Lida e da planície de Saron e se converteram ao Senhor“.

Em Jope, Pedro “ressuscita uma mulher” que estivera morta. Diante dela, Pedro pede para ficar só, põe-se de joelhos e ora. Voltando-se para o corpo da mulher exclama: “Tabita, levanta-te!”. A mulher abriu os olhos, e Pedro a ajuda a reerguer-se apresentando-a aos demais. Toda Jope ficara sabendo do que se sucedera com Tabita e muitos creram no Senhor. Depois Pedro permaneceu na cidade por mais algum tempo. Essas duas passagens preparam um ambiente aonde

³¹⁹ Queremos esclarecer que a palavra coração aqui é usada no sentido hebraico. Em nossa maneira atual de falar, “coração” lembra apenas a vida afetiva. No entanto, o hebreu concebe coração como o “interior” do ser humano num sentido bem mais amplo. Cf. LÉON-DUFOUR. X. et al., **Vocabulário de Teologia Bíblica**, 2º ed, Petrópolis, Vozes, 1977. p. 174.

³²⁰ MOSCONI.L., **Atos dos Apóstolos, como ser Igreja no início do terceiro milênio?**, 3ªed., São Paulo, Paulinas, 2001.p. 94.

vai se dar a conversão de Cornélio, símbolo dos pagãos que aderem à fé em Jesus Cristo.

A pessoa de Cornélio é descrita como sendo de um homem maduro, piedoso e temente a Deus, que dava muitas esmolas ao povo e orava a Deus constantemente (cf. 10,1). Cornélio recebe, em seu íntimo, uma revelação de Deus que lhe indica que deve procurar Pedro que estava hospedado em casa de tal curtidor (profissão considerada impura pelos judeus)³²¹. Parece-nos que a períclope quer apresentar a conversão dos pagãos através da pessoa de Cornélio, mas também a de Pedro que precisa, ainda, aprender “coisas novas” como, por exemplo, que “deveria libertar-se dos escrúpulos no tocante à pureza legal”³²². Segundo Witherup³²³, a história da conversão é relatada depois que Pedro vai à casa de Cornélio e prega, ali, um minievangelho, em 10,34-43.

Witherup chama a atenção para o fato de que o Espírito Santo precede o batismo e aparece como dom. Para Lucas, afirma o mesmo autor, o Espírito Santo nem sempre é o resultado do batismo e pode mesmo ser o prelúdio dele, embora seja essencial ao processo de conversão. Também é digno da máxima atenção, a menção à conversão de *todos* que estavam na casa de Cornélio, de onde podemos inferir que se trata de uma simbologia para expressar a conversão dos pagãos, indo mais além da conversão individual de Cornélio³²⁴. Ressalta, ainda o nosso autor, a importância da menção à dupla hospitalidade (cf. 10,23.49) que, em Lucas, ganha significado especial de “verdadeira conversão”, com referência à reconciliação humana. Conclui-se que “o dom divino da salvação não pode ficar

³²¹ A nota “b” da Bíblia de Jerusalém, referindo-se ao título da períclope diz o seguinte: Aos olhos de Lucas, a conversão (cf. At 3,19+) de Cornélio não é um simples caso individual. Seu alcance universal se deduz da própria narrativa e de sua insistência nas visões de Pedro e de Cornélio e, sobretudo, do nexos estabelecido pelo autor entre este acontecimento e as decisões do Concílio de Jerusalém (cf. 15,7-11,14). Duas lições distintas parecem destacar-se: 1º) Deus mesmo mostrou que os gentios deviam ser recebidos na Igreja sem serem obrigados às prescrições da Lei (cf. 10,34-35.44-48a); 11,1.15-18; 15,7-11.14; Gl 1,1-10); 2º) Deus mesmo mostrou a Pedro que devia aceitar a hospitalidade de um incircunciso; sente-se aqui o problema do relacionamento entre cristãos provindos do judaísmo e cristãos oriundos da gentilidade (cf. 10,10-16.28-29; 11,2-14; Gl 2,11-21).

³²² Nota de rodapé “f”, da **Bíblia de Jerusalém**, referente a At 10,15.

³²³ WITHERUP.R.D., op. cit. p. 88-89.

³²⁴ “Na casa de Cornélio, oficial do exército romano, (10,1-2), surgiu a primeira comunidade cristã com pessoas vindas de outras culturas e raças (10,23-48). Todas elas receberam o dom do Espírito Santo e a água do batismo (10,47). É importante também notar isso. Como em uma casa qualquer, também na casa de Cornélio havia pessoas de idades diferentes, inclusive crianças. Então desde aquele tempo, praticava-se o batismo de crianças, pois Deus salva e transforma as pessoas em comunidade. A mesma coisa aconteceu nas casas de Lídia e do carcereiro, em Filipos (16,15.33). Nas casas eram passados os ensinamentos a respeito do Caminho.” In: MOSCONI .L op.cit. p. 114.

limitado a uns poucos escolhidos, mas é um dom geral concedido a todos que adotam a mensagem do Evangelho³²⁵. No final da perícopes, “os que eram da circuncisão” tranquilizaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: “Logo, também aos gentios, Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida” (cf. 11,18). Dessa forma, em Atos, a conversão de Cornélio pode ser compreendida como sendo simbólica para toda a difusão da mensagem do evangelho até aos confins da terra.

Podemos resumir a mensagem que o livro dos Atos encerra a respeito do tema que nos interessa: *conversão*. Queremos fazer uso de algumas características apresentadas por Witherup³²⁶, na tentativa de reter pontos que julgamos de grande importância, a saber:

- a conversão envolve reconhecimento de nossa pecaminosidade e a necessidade de uma mudança radical na direção da vida.
- a conversão é um valioso dom de Deus. A iniciativa é sempre de Deus trazendo salvação e perdão dos pecados. Acontece, em geral, depois de ouvirmos a Palavra de Deus ou algum testemunho que serve de mediação do processo.
 - a conversão sempre leva à tarefa de ser servo e testemunha Dele.
 - a conversão não é um fim em si mesmo, mas apenas um começo que resulta em mudanças exteriores de comportamento.
 - a conversão supera a ignorância e a teimosia e leva à alegria.
 - a conversão é comunitária, mas também se dá individualmente. Os indivíduos que estão no grupo precisam ouvir a Palavra de Deus e se converterem ao Evangelho; não basta estar no grupo.
- muitas descrições de conversão são feitas como uma mudança da cegueira para a visão indicando que agora, depois de iniciado o processo, somos capazes de ver o que antes era impossível.
- Atos mostra que muitos dos que iniciam o processo de conversão já estavam preparados para ela, ou seja, levavam uma vida eticamente correta, no temor a Deus, mas precisando ter fé perfeita em Jesus Cristo. Desta forma, mesmo os membros de uma comunidade (da Igreja, por ex.) podem permanecer necessitados de conversão mais profunda.

³²⁵ WITHERUP.R.D., op. cit. p. 89-90.

³²⁶ Ibid., pp. 92-93.

Para dar um fechamento ao que apresentamos sobre nosso tema de interesse, em Atos, recuperamos alguns pontos que apresentamos no início desse item. Demos ênfase a alguns casos de conversão individuais como Paulo, item que merecerá um lugar especial, mais adiante, Cornélio, Lídia e o carcereiro filipense. Julgamos importante prestar atenção aos “de fora” a quem a interpelação à conversão também chega pela pregação do Querigma³²⁷.

Para cumprir o esquema sugerido por Witherup falta-nos abordar a conversão de Paulo e nas cartas do Apóstolo. É o que pretendemos a seguir.

D) A conversão de Paulo e o tema conversão nas cartas do Apóstolo

A narrativa de conversão narrada por Lucas que mais nos impressiona, é, sem dúvida, a de Paulo. Em nossa pesquisa, colocaremos nosso foco na narrativa de At 9, por ser o primeiro dos três relatos³²⁸ que falam de sua conversão e, também, por ser narrado na terceira pessoa. Os três relatos seguem uma estrutura narrativa de vocação que supõe um período de busca e de crise na vida de Paulo e, sem dúvida alguma, ressaltam seu caráter decisivo. Oportunamente, Valmor da Silva nos lembra que o apóstolo mesmo se reconhece separado, desde o seio materno, para que o Cristo se revelasse nele (cf. Gl 1, 15-16)³²⁹.

Segundo Witherup há certa disparidade de interpretação acerca do conceito de conversão no Novo Testamento. Alguns estudiosos nem consideram o acontecido na estrada de Damasco como uma conversão, mas apenas como um “chamado”. Se por conversão entende-se “mudança de religião simbolizada pela mudança de nome, então Paulo não é um convertido, pois ele foi um judeu fariseu com todas as características de tal identidade (cf. 1 Cor 9,19-21; 2 Cor 11,22; Gl 1,13-14; Fl 3,5-6)³³⁰ e continuou sendo retratado como judeu fiel que crê que Jesus é o Messias esperado, e, ainda, não há menção de que tenha trocado de

³²⁷ “As confissões de fé como a de Pedro (Mt 16,16; Jo 6,68s) e do cego de nascença (9,15ss.30-33) mostram que essa fé nasce do contato vivo com Jesus. Na Igreja, essa fé se exprime nas fórmulas primitivas “Marana tha” (1Co 16,22) e Jesus é o Senhor (1Co 12,3; Fl 2,11) que a resumem e servem de aclamações litúrgicas. O objeto da fé proclamado na pregação segundo um esquema estereotipado (querigma) se exprime também, num esboço e credo (1Co 15,3-7) e em hinos litúrgicos (1Tm 3,16)”. Verbete “confissão”. In: **Dicionário de Teologia Bíblica**, LEON-DUFOUR (dir), São Paulo, Vozes, 1977, p.164

³²⁸ Os três relatos referentes à conversão de Paulo são os seguintes: At 9,1-18; 22,6-16; 26,9-18.

³²⁹ SILVA., **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus!** Rio Janeiro, Paulinas, 2005 p. 20.

³³⁰ Ibid., p.12.

nome”³³¹. O livro dos Atos comenta apenas que Saul era seu nome judaico, e Paulo, seu nome romano-helenístico. Como já dissemos anteriormente, o Novo Testamento não vê a conversão apenas como mudança de religião, mas também como processo inegável, pelo qual ficam submetidos todos os que acolhem a novidade do Reino anunciado por Jesus.

No caso de Paulo, houve um “chamado profético” anunciado pela boca de Pedro, quando diz em At 2,39: “Pois para vós é a promessa, assim como para vossos filhos e para *todos aqueles que estão longe*, isto é, para *quantos o Senhor*, nosso Deus, *chamar*”, como também um processo de conversão que se deu ao longo de sua vida a partir do evento de Damasco³³².

A imagem mais marcante para falar da conversão de Paulo é o movimento “cegueira- visão”³³³. Paulo, judeu convicto, fariseu, profundo seguidor da Lei de Moisés, é um impetuoso perseguidor de cristãos³³⁴, que cego pela Lei, tem os olhos abertos para uma nova possibilidade de vida e para a verdade que lhe fora revelada a partir da experiência que viveu com o Cristo Ressuscitado. Quando interpelado pelo Senhor que se revela como perseguido na pessoa de seus discípulos, Paulo fica cego e vai recuperar a visão ao receber o batismo através de Ananias. A cegueira de Paulo é imagem de sua teimosia em não perceber que está perseguindo o “Único Caminho”, como também é uma ação divina, pois afirma o relato que “subitamente, uma luz vinda do céu o envolveu de claridade (At 9,3)”. Quanto mais a história é contada, repetida em At 22 e 26, mais vai aumentando o brilho de tal luz para dar ênfase à ação divina e, assim, legitimar a conversão de

³³¹ WITHERUP, op. cit. p. 84.

³³² Segundo Murphy-O'Connor, J, op. cit. pp.41-43. “A explicação mais simples para a presença de Paulo perto de Damasco quando encontrou o Senhor Ressuscitado é que estava em viagem para visitar Tarso. Das poucas referências geográficas existentes nenhuma lhe era familiar, de modo que Paulo não explicita, em nenhum de seus escritos, onde, exatamente, teve a experiência que mudou sua vida. Ele nos diz que sua experiência foi idêntica a de Pedro e dos outros aos quais Jesus apareceu depois da Ressurreição (1cor 15,3-8). Se lermos esses relatos com atenção iremos perceber que seguem um padrão comum. (1) Jesus morreu e toda esperança está perdida; (2) Jesus aparece; (3) Jesus dá um sinal que o identifica; e (4) os discípulos o reconhecem. Assim se dá com Maria Madalena (Jo 20,11-16); com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-42) e ainda com o grupo dos Onze (Jo 20,19-20). Essas narrativas são típicos relatos de reconhecimento.

³³³ Essa imagem de cegueira-visão tem grande valor simbólico em Lucas-Atos, como Dennis Hamm demonstrou em dois artigos, “Sight to the Blind: Vision as Metaphor in Luke”, Bib 67, 1986,457-77, e “Paul’s Blindness and its Healing: Clues to Symbolic Intent (Acts 9; 22 and 26)” Bib 71, 1990, 63-72. In: Witherup, R., op. cit. nota nº10, p. 85.

³³⁴ “A um fariseu curioso parecia que Jesus se julgava o Messias com poder para articular definitivamente a vontade de Deus. A Lei não era mais a única e última autoridade. Aqui Paulo terá encontrado o motivo para perseguir os cristãos, isto é: afirmar que o Messias já tinha vindo. Essa era uma ameaça radical à Lei, que dava sentido à sua própria vida”. Cf. Murphy-O'Connor, J., **Paulo de Tarso, História de um Apóstolo**, São Paulo, Loyola, 2007, p.43.

Paulo³³⁵. O papel de mediadores dessa experiência vai sendo diminuído até desaparecer em At 26, e o que fica evidenciado é a imediação da conversão e missão de Paulo pelo Crucificado-Ressuscitado.

A missão de Paulo será marcada pela inversão de sentido: de Israel para os pagãos, colocando-os em primeiro lugar. Witherup diz que um Paulo zeloso contra o Senhor torna-se zeloso pelo Senhor levando sua mensagem aos que Jesus tinha estabelecido como principais destinatários do Reino de Deus, “os de fora”. O ponto mais alto do desafio de levar a mensagem da salvação até os gentios está explicitado em At 26, quando Paulo afirma ter recebido sua missão do próprio Jesus e não de Ananias³³⁶. Também At 26, 16-18 define de maneira clara o propósito da conversão de Paulo:

”Mas *levanta-te e fica firme em pé*, porque esse é o motivo por que te apareci: para constituir-te servo e testemunha da visão na qual me viste e daquelas nas quais ainda te aparecerei. *Eu te livrarei do povo e das nações gentias, às quais te envio para lhes abrires os olhos e assim se converterem das trevas á luz, e da autoridade de Satanás para Deus*”.

Assim, Paulo seguirá em missão, como servo e testemunha, desviando os gentios das trevas para a luz, possibilitando-lhes receber o perdão dos pecados. Na carta aos gálatas, pode-se perceber que estes estavam helenizados, ou seja, integrados na cultura helenística. No tempo de Paulo, naquela região coexistia uma grande variedade de religiões³³⁷ com relativa tolerância. Não podemos falar que na Galácia havia comunidades judaicas e, portanto, do ponto de vista de Paulo, os gálatas eram gentios que adoravam ”seres que na realidade não são deuses” (Gl 4,8). Daniel Patte mostra em seu comentário, que Paulo funda a comunidade na Galácia e prega ai “um evangelho livre da Lei ”³³⁸. Depois, outro evangelho vai ser apresentado aos gálatas no intuito de fazê-los adotar, primeiramente, a Lei de Moisés e a circuncisão para, então, tornarem-se verdadeiros cristãos, o que, para Paulo, é absolutamente contrário ao Evangelho, o que fica claro diante de sua disposição em “anunciar a Graça aos que a Lei punha

³³⁵ Witherup.R., op. cit. p. 86-87.

³³⁶ O mesmo esquema é seguido em Jo 4, 42, no episódio que narra o encontro de Jesus com a samaritana. Os “outros” não creram em Jesus por causa da mulher que lhes falara sobre ele, mas através da experiência que eles mesmos tiveram com Jesus (observação nossa).

³³⁷ Esse pluralismo religioso pode ser entendido quando se recorda que essas religiões cósmicas consideravam como divina a ordem cósmica manifestada no ciclo da natureza ou nos ciclos do sol, da lua e das estrelas e que a experiência individual dos crentes era particularmente apreciada. Cf. PATTE.D., op.cit.,p.66.

³³⁸ Ibid., p. 65.

do lado de fora”³³⁹. Aos pagãos, Paulo, em processo de conversão³⁴⁰, dirige uma mensagem fundamentada na afirmação de que “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1), pois, sua aceitação, em nada, dependeu da Lei³⁴¹.

Paulo experimentou, depois do encontro com Jesus Ressuscitado, uma mudança drástica em sua vida. De perseguidor implacável a defensor confesso, de um leitor da ressurreição como fraude para proclamador do Senhor Ressuscitado. Via Jesus como herege e passa a reconhecê-lo como Senhor e Cristo, se opunha a Jesus e agora vivia sob o efeito da graça, aceitava a Lei como única mediação para a salvação e, agora, reconhece Jesus como o Salvador.

Segundo o interesse de nossa pesquisa, queremos enfatizar o peso da Lei para Paulo, enquanto mediação para a salvação em confronto com a práxis de Jesus que ele reconhece como realmente salvadora. A Lei que constituía a base do judaísmo enquanto religião deixara para trás o seu verdadeiro significado para a salvação dos seres humanos. O *legalismo* que transforma a Vontade de Deus para os seres humanos em normas e regras externas e *a importância exagerada atribuída a determinadas práticas rituais podem embaçar o verdadeiro rosto de Deus tornado humano no homem Jesus de Nazaré e que se revela a todos “os de dentro” (convertidos?) como também “aos de fora” (peregrinos?)*.

E) Conversão nas Cartas paulinas

Já vimos, embora de maneira breve, como o Apóstolo Paulo se converteu ao cristianismo na visão que Lucas apresenta no livro dos Atos dos Apóstolos, mas iremos focar nossa atenção agora, no que Paulo diz a respeito de sua própria conversão e às comunidades fundadas e/ou alimentadas por ele. Em nossa pesquisa, nos restringiremos às Cartas aos Coríntios e aos Gálatas³⁴².

Nas cartas autenticamente paulinas, Paulo quase não faz menção à sua conversão. Não há, sequer, uma descrição do acontecimento de Damasco, mas quando Paulo se refere ao fato, o faz com bastante ênfase deixando claro,

³³⁹ MURPHY O’CONNOR J., op. cit. p. 45.

³⁴⁰ O apostolado de Paulo em meio pagão se dá já no momento inicial. Ao logo se sua trajetória, pode-se constatar que Paulo teve um começo tateante e que precisou de tempo antes de tomar plena consciência de toda extensão da sua missão. Cf. Patte D., op. cit. ,p. 41.

³⁴¹ MURPHY O’CONNOR J., op. cit. p.45.

³⁴² Não abordaremos o tema na carta aos Romanos, pois já apresentamos uma reflexão satisfatória para o interesse de nossa pesquisa, na antropologia de Gonzalez Faus cf. supra pp..57-67 .

inclusive a transformação que isso causou em sua vida. É na carta aos gálatas que Paulo deixa transparecer sua conversão e sua radical mudança de comportamento.

Vejamos o texto de Gl 1,11-17:

“Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, pois eu não o recebi nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo. Ouvistes certamente de minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus e como progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas. Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia e voltei depois a Damasco.”

Na carta aos Coríntios, 1 Cor 15,8-10, Paulo fala de tal acontecimento quando comunica aos membros daquela comunidade que tudo que ele pode fazer é obra da Graça de Deus segundo Jesus Cristo que nele opera.

“Em último lugar, [Jesus] apareceu também a mim como a um abortivo. Pois eu sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou: e sua graça a mim dispensada não foi estéril. Ao contrário, trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo.”

O sentido parece bastante claro: ainda que tenha perseguido a Igreja de Cristo, ele recebeu por meio da graça de Deus, como os outros apóstolos, uma aparição especial que mudou radicalmente a sua vida.

Ainda uma última passagem, 2 Cor 12,2-7, na qual Paulo faz referência a sua conversão (e parece mesmo uma biografia).³⁴³

“Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu.- se em seu corpo, não sei, se fora do seu corpo, não sei. Deus o sabe!E sei que esse homem- se no corpo ou fora do corpo-; Deus o sabe!- foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito o homem repetir. No tocante a esse homem eu me gloriarei, mas no tocante a mim, só me gloriarei das minhas fraquezas. Se quisesse gloriar-me, não seria louco, pois só diria a verdade.Mas não o faço, a fim de que ninguém tenha a meu respeito um conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer. Já que essas revelações são extraordinárias.....”

Nessa passagem, Paulo fala de sua conversão com uma imagem escatológica: encontrar-se no céu, ficar a par de mistérios que devem ficar ocultos, querendo mostrar que as revelações de Deus o levam a entrar em contato direto com o divino. Paulo também menciona o seu sofrimento pela causa do Cristo que

³⁴³ WITHERUP. R., op. cit. p. 114.

lhes proporciona uma postura humilde de “vangloria” pelas suas fraquezas. Outro texto que merece destaque está na carta escrita aos filipenses, (3,7-11), quando Paulo lhes afirma que apesar de ter sido um dos melhores entre os fariseus cumpridores da Lei, considera sua vida anterior, “um lixo”, se comparada com a que ganhou depois de seu encontro com Jesus Ressuscitado.

Paulo vê o processo de conversão como infusão do evento de Cristo em nossa vida, como um novo meio de viver. *Conversão, para Paulo, é alcançar a fé, é um novo relacionamento com Deus, em Jesus, que permite sermos totalmente transformados*³⁴⁴.

E') Mensagem de Paulo às comunidades

Agora, iremos nos concentrar na mensagem do próprio Paulo às comunidades cristãs. Após sua viagem a Arábia e Damasco, Paulo passou 15 dias com Pedro, em Jerusalém e depois, desapareceu por mais três anos. Por volta de 40 d.C., Paulo vai trabalhar com Barnabé em Antioquia onde havia tolerância social, permitindo que convertidos do judaísmo e do meio gentílico convivessem amigavelmente. Reuniam-se nas casas o que nos permite pensar que a comunidade cristã, aí, se compunha de pequenas comunidades, as igrejas domésticas³⁴⁵. Essa peculiaridade oferecia aos cristãos de então, *a possibilidade de escolha*. Apesar de formarem uma *comunidade una*, não ficava obrigada a pertença a *uma unidade territorial da igreja*. Quando os gentios participavam de comunidades mistas e ceavam com os judeus aceitavam seus alimentos *kosher*, e se judeus ceavam nas casas de irmãos gentios, esses lhes preparavam os alimentos respeitando suas normas alimentares. O que podemos inferir é que a Igreja de Antioquia deveria ser bastante forte para poder administrar, com êxito, o relacionamento vivido por essas comunidades³⁴⁶.

Paulo usa uma linguagem bastante corrente no Antigo Testamento para falar de conversão - *ato de voltar-se para Deus, abandonando os ídolos* (1Ts 1,9). Aos Coríntios, Paulo fala da necessidade de converter-se da impureza, da fornicação e das dissoluções abandonando a discórdia, inveja, animosidades, rivalidades,

³⁴⁴ Ibid., p. 116. O mesmo autor sugere 2 Cor 3,16-18, para confirmar essa idéia.

³⁴⁵ MURPHY-O'CONNOR J., op. cit. p. 63. O próprio autor indica um texto seu para aprofundamento na questão referente ao “espaço para abrigar os cristãos do século Id.C in: St Paul's Corinth: Text and Archeology (Collgeville[MN]; Liturgical, 2002,3ªed), 178-185

³⁴⁶ Ibid., p. 64.

maledicências, falsas acusações, arrogância e desordens (2 Cor 12, 20.21). Vale à pena lembrar que a comunidade de Corinto contava com, pelo menos, 40 a 50 pessoas em sua maioria convertidas do paganismo a quem Paulo, na 1Cor12,2, dirigiu a seguinte exortação: "sabeis que quando éreis gentios éreis arrastados pelos ídolos mudos". Paulo apreciava demais a decisão dos coríntios de interiorizar o cristianismo em suas vidas, de modo responsável, e *dar expressão prática ao seguimento de Cristo no dia-a-dia*³⁴⁷. De todas as imagens usadas para descrever a conversão, nenhuma é mais inspiradora que a da "nova criação" onde Paulo faz menção à reconciliação quase como essência da conversão.

"Por isso, doravante a ninguém conhecemos segundo a carne. Mesmo se conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim. Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova. Tudo isto vem de Deus, que nos *reconciliou* consigo por Cristo e nos confiou o ministério da *reconciliação*. Pois era Deus que em Cristo *reconciliava* o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas e colocando em nós a palavra da *reconciliação*.[...] Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que , por ele, nos tornemos justiça de Deus".(2Cor 5,16-21)

Paulo, ao mesmo tempo em que afirma que os coríntios estão convertidos, tem que lembrar-lhes as responsabilidades cristãs, pois a conversão acarreta responsabilidades comunitárias³⁴⁸. Para Paulo, a conversão não é colocar remendo em roupas velhas, mas tornar tudo novo. Ser incorporado a Cristo é ser reconciliado com Deus e tornar-se embaixador Dele que transmite a todas as gentes a mensagem de reconciliação³⁴⁹.

Aos gálatas, Paulo anuncia a passagem da lei para a Graça e, por isso já não mais poderiam estar sob o jugo da lei, pois já não são mais escravos, mas filhos - é uma conversão radical operada pela misericórdia e amor de Deus. "E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: *Abba, Pai!* De modo que já não és escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro, graças a Deus!"(Gl 4,6). Paulo questiona a conduta apelando para a condição de "convertidos" quando pergunta: "Mas, agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus, como é possível voltardes novamente a estes fracos e miseráveis elementos aos quais vos quereis escravizar outra vez?"(Gl 4,9).

³⁴⁷ Ibid., p. 110.

³⁴⁸ GAVENTA B.R., citado por WITHERUP, op. cit. p. 118

³⁴⁹ WITHERUP R., op. cit. p. 118.

Segundo Witherup, Paulo afirma com muita coragem a unidade promovida pela força da conversão numa ampla visão universalista quando exclama que “De sorte que não há distinção entre judeu e grego, pois ele é o Senhor de todos, rico para todos que o invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo!” (Rm 10,12; Gl 3,28).

Portanto, podemos afirmar que a conversão de Paulo constitui um acontecimento essencial para o avanço do cristianismo. Homem culto, letrado, instruído na Lei, que tinha as emoções à flor da pele, às vezes muito irônico, ousado, rígido, duro, mas também bastante afetuoso³⁵⁰. Orgulhoso de sua cidadania romana, judeu de tradição farisaica e, um dia, perseguidor da igreja de Cristo, soube fazer-se gentio com os gentios, pagão com os pagãos e judeu com os judeus, ensinando o evangelho de Cristo ressuscitado. Missionário por excelência, abriu os caminhos do evangelho de Jesus Cristo a todas as gentes.

F) Conversão em João

Uma perspectiva singular de conversão é apresentada no Evangelho segundo João e que agora passamos a apresentar. O Quarto evangelho sempre fora visto como “independente de qualquer outro” como tentou mostrar Dodd³⁵¹ se avaliado pelos temas fundamentais dos sinóticos: nascimento de Jesus, seu batismo, as tentações, parábolas, o convívio com publicanos, expulsões de demônios, a transfiguração, a agonia do Getsêmani. Por outro lado, analisou os temas próprios de João como: transformação da água em vinho, a visita de Nicodemos, o encontro com a samaritana, os discursos em “Eu sou”, a reanimação da vida de Lázaro e a oração sacerdotal de Jesus. Isidoro Mazzarolo apresenta uma posição semelhante à de Dodd que é a de W. Hull, mas afirma que, no seu entender é preciso mudar a forma de análise e estudo dos evangelhos³⁵². Isidoro Mazzarolo entende que os evangelhos não devem ser vistos como sendo “um igual ao outro” e que, na verdade, os três primeiros evoluem um em relação ao outro. As diferenças entre o evangelho de João e os sinóticos não indicam que o autor desconhecia as fontes utilizadas pelos outros hagiógrafos e, afirma Isidoro, é preciso encontrar o *intertexto*, que é a real intenção da obra. O conteúdo de um

³⁵⁰ MURPHY-O’CONNOR.J., op. cit. p. 19.

³⁵¹ Dodd. C.H., citado por Mazzarolo I., **Nem aqui, nem em Jerusalém, : O evangelho de São João**, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000, p. 10-12

³⁵² MAZZAROLO I., op. cit. p. 11

texto, afirma o mesmo autor, pode estar mais velado ou mais explícito, conforme a situação e o ambiente em que surge. Devemos, então, considerar as peculiaridades de cada um dos evangelhos respeitando, no entanto, sua liberdade e inspiração individual do evangelista e da comunidade co-autora da obra. Vale à pena lembrar a situação de perseguição dos cristãos, os conflitos com a sinagoga e a crise da autoridade das comunidades e a possibilidade de o texto ter tido diferentes autores³⁵³. Bortolini ilustra o que dissemos acima a partir da mostra de conflitos nos quais a comunidade de judeus convertidos, samaritanos e pagãos se vê envolvida, dentre eles: o sistema social injusto que se opõe ao evangelho de Jesus, o poder político, religioso e econômico dos judeus que são as ‘trevas’, a expulsão dos cristãos da sinagoga e com as igrejas apostólicas representadas por Pedro, André, Filipe, Natanael, Tomé e Judas Tadeu que são vistas pela comunidade joanina como “em constante busca de identidade”³⁵⁴.

É, no mínimo, curioso notar que o vocabulário característico da conversão, mais usado nos sinóticos, como os verbos *metanoeō*, *eppistrephō* (e cognatos), está ausente em João, com exceção da citação de Is 6. Mas isso não significa, afirma Witherup, que João não dê importância ao tema. Muito pelo contrário; é preciso olhar para o Quarto evangelho com olhos atentos a um novo modo de comunicar com um vocabulário diferente como aparece já no prólogo onde “com uma fala grandiosa sobre o “início”, João discorre sobre o “Verbo” eterno que é vida e luz (1,4)”³⁵⁵.

Ainda, Witherup nos alerta para um conceito fundamental, em João, que vai remeter à idéia de conversão que é o contraste entre a luz e as trevas. “e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam”(1,4b.5). Nesses versículos, o pensamento passa a referir-se à humanidade. Toda a realidade, a história e os homens possuem vida no Logos. Como escreve Maggioni:

“E o Logos é a luz dos homens, o que nos revela o sentido do nosso existir, o projeto para o qual fomos feitos e ao qual devemos tender, a estrada a percorrer, sob pena de extravio total. É, portanto, uma luz que se torna salvação, mas que se pode também tornar condenação. É julgamento.”³⁵⁶

³⁵³ Cf. BOISMARD/LAMOUILLE citado por MAZZAROLO I., op. cit. p. 20.

³⁵⁴ BORTOLINI.J, **Como ler o evangelho de João, caminho da vida**, S. Paulo ,Paulus, 1994, p. 9-11.

³⁵⁵ WITHERUP.R., op. cit. p. 96.

³⁵⁶ MAGGIONI.B.In:FABRIS.R.e MAGGIONI.B.,op. cit.p.281.

Esse tema “luz-trevas” vai atravessar grande parte do Quarto evangelho e parece que a intenção de João é interpelar as pessoas a aceitarem a luz, tornando-se filhos da luz e evitando as trevas. A partir de algumas passagens poderemos nos aproximar mais desse modo de João de apresentar a proposta de conversão que é também fundamental no Quarto evangelho.

Em primeiro lugar, afirma Witherup, é de grande importância considerar a auto-revelação de Jesus em Jo 8,12(cf. 1 Jo1,5-7): “ Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”. Definindo-se como a luz do mundo, Jesus apaga de uma vez por todas, as luzes que porventura aparecessem no futuro. Sua interpelação é incondicional e, portanto, exclusiva, daí ser agressiva ³⁵⁷. Jesus também fala aos discípulos sobre sua permanência entre eles como luz em 12,35. 36.46.

“Por pouco tempo a luz está entre vós.
Caminhai enquanto tendes luz,
Para que as trevas não vos apreendam:
Quem caminha nas trevas não sabe para onde vai!
Enquanto tendes a luz,
Crede na luz,
Para vos tornardes filhos da luz.
Eu, a luz, vim ao mundo para que aquele que crê em mim
Não permaneça nas trevas.”

E, ao fazê-lo parece indicar a direção que os homens devem tomar: *Caminhai enquanto tendes a luz*. Ensina-nos Maggioni que “trata-se de uma decisão que inicia uma viagem, pois contém todo um programa, “porque o verbo *tornar-se* com uma conjunção final (para que) abre possibilidades de futuro” ³⁵⁸.

Mas, apesar disso Jesus repete uma e outra vez seu ensinamento fazendo uso dessa imagem figurada sempre fortemente ligada à fé e ao bem versus mal. Assim Jesus se dirige a Nicodemos, em Jo 3,5-7 ³⁵⁹. Nicodemos é confrontado com sua incredulidade. Nicodemos vem de noite e “da noite” ³⁶⁰. Ele vem ter com Jesus à

³⁵⁷ STRATHMANN, citado por MAGGIONI B e FABRIS R., op. cit. p. 364.

³⁵⁸ I de la POTTERIE, citado por MAGGIONI B. e FABRIS R., op. cit. p. 403.

³⁵⁹ “Essa é a única passagem do NT que contém essa expressão. Embora gramaticalmente o grego possa significar “do alto” ou “de novo”, o contexto favorece o primeiro sentido, enquanto o segundo diz respeito ao mal-entendido de Nicodemos que Jesus passa a corrigir. É o contraste entre “as coisas do céu” e “coisas da terra” que Nicodemos está sendo desafiado a reconhecer. Em suma, a expressão *nascido do alto* (cf. 1 Jo5,4, “nasceu de Deus”) é o jeito de João contestar as prioridades que as pessoas têm na vida. Precisam por as coisas de Deus em primeiro lugar, se quiserem ter a vida em abundância.”(cf. 10,10; cf. 5,40) Cf. WITHERUP R., op. cit. p. 102.

³⁶⁰ Nicodemos, como mestre e chefe dos judeus, tinha responsabilidade no caos social e religioso originado pelas práticas do templo onde a cegueira e a noite vigoravam, mesmo à luz do sol em

noite, às escondidas, tem medo de comprometer-se. Lembramos que a noite quer simbolizar a situação do ser humano em contraposição com o dia que é Jesus. A menção da noite com suas conotações de trevas é indicativa de que Nicodemos precisa de conversão, pois, para João, a noite é ocasião da prática de más ações como a de Judas (13,30) e da necessidade da luz (9,4)³⁶¹. Bortolini acrescenta que Nicodemos como representante da Lei, considera Jesus um reformista e, por isso, o chama Mestre e Rabi, mas que não acredita que Jesus possa fazer algo totalmente novo. Jesus lhe garante que é preciso nascer de novo para ver o reino de Deus. (cf. 3,3b)

O tema luz-trevas também aí se faz presente. Maggioni chama a atenção para o fato de que Nicodemos é uma presença representativa; fala como porta-voz: *Nós sabemos*. Fala de Jesus, com autoridade, a partir da própria teologia e por isso não entende toda a força de renovação contida no que lhe diz Jesus³⁶². O diálogo entre eles menciona exatamente a incompreensão de Nicodemos que ainda permanecia nas trevas diante da luz. Mais adiante, no vv. 16.18-21, Jesus respondendo a Nicodemos diz: “A luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz” (3,19).

Nessa perícopé, luz e trevas aparecem ligadas às ações humanas. A escuridão representa fazer o mal (cf. 1 Jo 2,9) e a luz refere-se a praticar a verdade, que é o desejo de Deus para todo o universo. A luz, afirma Witherup, é puro dom de Deus que conduz as pessoas à fé, desde que respondam com testemunho e “ações” apropriadas, ou seja, conformadas com o Reino anunciado por Jesus. A crença em Jesus como força dinâmica, muito ativa é fundamental para referência à conversão, em João. Esse tema já está presente no prólogo, e Witherup considera essa passagem (1,12-13) essencial à perspectiva de João sobre a conversão³⁶³.

De acordo com Witherup, João vai enfatizar a necessidade de crer em Jesus, de nascer de novo, como Jesus mesmo diz a Nicodemos³⁶⁴, inteiramente pelo

pleno meio dia. Nicodemos pertence a este ambiente da noite, da corrupção e do pecado In: MAZZAROLO, I., **Nem aqui nem em Jerusalém**, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000, p. 74.

³⁶¹ WITHERUP R., op. cit. p. 100.

³⁶² MAGGIONI B. e FABRIS R., op. cit. p. 310.

³⁶³ WITHERUP, R., op. cit. p. 97-98.

³⁶⁴ Nicodemos era um judeu importante. Ele era fariseu, portanto distinguia-se pela fidelidade à Lei. O maior elogio que um fariseu poderia receber era o de ser “irrepreensível quanto à observância da lei”. Em, Jo 7,50-52, encontramos Nicodemos discutindo com o Sinédrio, pois não queria que o Sinédrio condenasse Jesus, sem antes dar-lhe a chance de se defender. Com isso fica claro que Nicodemos é membro do supremo tribunal, responsável pela condenação de Jesus à

poder de Deus, como resposta ao seu chamado, pois “todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo. E esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé” (Cf. 1Jo 5,4). “Quem é o vencedor do mundo, se não aquele que crê que Jesus Cristo é o filho de Deus?” (1 Jo5,5). Nascer de novo é romper com a instituição geradora de morte que, nesse caso, está representada pelo Sinédrio e aderir à vida presente nas ações, gestos e palavras de Jesus, ou seja, em sua vida totalmente movida pelo amor sem limites que o levará até a morte na Cruz. Para *nascer de novo*, então, é preciso morrer para o pecado, para uma práxis que não gera injustiça e assumir uma vida como a de Jesus, pois *o que dá a vida é o dinamismo do amor que vem de Deus e atinge todos os seres humanos*³⁶⁵.

João deixa claro que o evangelho foi escrito “para que *creiais* [possais crer] que Jesus é o Cristo, Filho de Deus, e para que, *crendo*, tenhais a *vida* em seu nome” (20,31). Reafirma nosso autor que a expressão *possais crer* mostra que a fé em Jesus é a meta de seu evangelho, que, com certeza, foi escrito para converter as pessoas à fé cristã. Essa fé significa “obediência concreta” à vontade do Pai que produz uma nova vida³⁶⁶.

A comunidade joanina identifica João Batista como aquele que, mesmo não sendo a luz, deveria dar testemunho da luz (1,6-8)³⁶⁷. A figura de João Batista, nos sinóticos, está relacionada à conversão por causa de seu batismo e da sua pregação. No Quarto evangelho, a perspectiva é distinta. João deve dar testemunho da luz; vai aclamar Jesus como “cordeiro que tira o pecado do mundo” (1,29-36), pois o enfoque do perdão dos pecados repousará sobre a pessoa de Jesus mais do que na sua mensagem. O substantivo “pecado” usado no singular reforça o sentido de “poder do mundo que precisa ser vencido”³⁶⁸. O combate travado entre a luz e as trevas também é transportado para o sentido pecado-bondade. Jesus é aquele que vence o pecado e rompe as trevas. Sua luz a tudo inunda sinalizando a vitória contra o pecado. Podemos inferir com Witherup, que a figura de João Batista visa concentrar a atenção na pessoa de Jesus como

morte. Nicodemos parece não aderir a Jesus e continuar preso às trevas. Cf. BORTOLINI J. **O Evangelho de João, o caminho da vida**, Coleção “Como ler”, São Paulo, Paulus, 1994.p.40.

³⁶⁵ Cf. Ibid., p. 42.

³⁶⁶ WITHERUP. R., op. cit. p. 98.

³⁶⁷ Maggioni chama a atenção para o fato de, em João, não aparecerem dados biográficos do Batista. A ênfase é colocada sobre o testemunho a respeito de Jesus. O v.8 precisa que João não é a luz, ele é aquele que vê e entende quem é Jesus, o anuncia a quem não o viu e suscita discípulos para o Cristo. In: MAGGIONI B. e FABRIS R., op. cit. p. 282.

³⁶⁸ COTHENET E., citado por WITHERUP.R., op. cit. p. 99.

figura principal da conversão³⁶⁹. Outro testemunho de conversão, segundo o mesmo, em contraste com Nicodemos, merece nossa atenção. Enquanto Nicodemos é pessoa que ocupa um cargo de autoridade entre os judeus, a testemunha a quem nos referimos é mulher, desacompanhada de marido, inominada, da classe dos samaritanos, portanto, desprivilegiada naquele tempo. Embora haja essa forte contraposição entre Nicodemos e a samaritana, ambos “se convertem” quando encontram com a pessoa de Jesus.

Witherup ajuda-nos a compreender esse processo de conversão, da Samaritana (Jo 4,1-42) que, segundo ele, se dá em quatro etapas, a saber³⁷⁰:

Jo 4,7-15 → A 1ª etapa gira em torno do significado da água viva que pode referir-se à água corrente ou água sobrenatural. Jesus é quem inicia a conversa e, com ironia, pede ajuda à mulher samaritana, quando, na verdade, é ela quem precisa de ajuda. Mas essa primeira etapa da conversão se dá, pois há inversão de posições no diálogo: ela é que pede água a Jesus³⁷¹.

Jo 4,17-19 → Na 2ª etapa, a continuação do diálogo apresenta o fato da samaritana não ter marido (4,17), mas quando Jesus lhe revela que ela teve cinco maridos, ela o reconhece como profeta (4,19).

Jo 4,23-30 → Na 3ª etapa, Jesus instrui a samaritana com a verdadeira natureza do culto a Deus: “em espírito e verdade”(4,23). Quando Jesus lhe revela ser o messias esperado, ela imediatamente larga o cântaro (não precisa mais da água do poço)³⁷² e vai à cidade avisar os outros e convidá-los a vir e ver o homem que “poderia” ser o Cristo.(4,28-30). *Sua fé vai se aprofundando aos poucos, à medida que ela percebe a verdadeira identidade de Jesus.*

Jo 4,39-42 → Na 4ª etapa, o final do diálogo é narrado o resultado do encontro com Jesus (cf. 4,39-42).

A fé da mulher atinge o auge quando seu testemunho serve de mediador para que outros vivam a mesma experiência. Os outros são samaritanos, considerados

³⁶⁹ WITHERUP R., op. cit. 99.

³⁷⁰ Cf. Ibid., pp. 104-106.

³⁷¹“ Na atitude pedagógica de Jesus, a conversa vai lenta, pois ele respeita as dificuldades pessoais, a situação de cada interlocutor. Com a mulher ele tem muita paciência, para que ela seja capaz de superar a questão do seu imaginário, pois enquanto ele está num plano espiritual, antropológico, ela continua insistindo na corda e no balde.” MAZZAROLO I., op. cit. p. 81.

³⁷² Segundo Witherup, este assunto faz parte de uma “teologia da substituição”, desenvolvida em João, em que a presença de Jesus substitui o culto judaico tradicional (p.ex. 2,1-11; 6,22-51) In: WITHERUP.R., op. cit. nota 11. p. 105.

pelos judeus como “de fora”. Jesus, então, é apresentado como salvador não só dos judeus (a história de Nicodemos cf. 4,22), mas como salvador do mundo³⁷³. João quer salientar, aqui, que *se chega à fé através do encontro pessoal com Jesus Cristo* (cf.20,29).

Queremos apresentar um comentário do prof. Isidoro Mazzarolo, que no nosso entender, ilustra, de modo especial, nossa pesquisa. Diz ele que:

“Enquanto que a mulher crê que ato de culto e adoração a Deus são a mesma coisa, Jesus vai exigindo que a mulher faça a distinção necessária. Jesus mostra à mulher que adorar a Deus é muito mais que um ato de culto. Adorar a Deus é um modo de viver a justiça e a caridade “. Na compreensão religiosa da mulher, Deus mora num santuário e só ali ele pode ser encontrado. Para Jesus, Deus mora no universo, mas, de modo particular, no coração daqueles que o acolhem (1,12).[...] Adorar é uma atitude que envolve o ser na sua totalidade, por isso quem adora em espírito e verdade não adora apenas em alguns espaços ou momentos, mas em todo lugar.³⁷⁴

Witherup afirma que, para João, esta passagem é resposta à revelação de Jesus, processo gradativo de conhecimento de sua identidade e missão como Salvador do mundo. Essa resposta nasce a partir de um encontro com Jesus ou mesmo de um testemunho de outros que crêem. Assim dirige-se a todos os que “têm sede”. E fica bastante clara a iniciativa de Jesus (bem como sua atuação em todo o processo) na conversão da samaritana³⁷⁵.

Outro personagem significativo é o “cego de nascença” (9,1-41). Por ser demasiadamente longa, não descreveremos toda a perícopé, mas gostaríamos de ressaltar sua importância para nossa reflexão. Witherup faz um comentário que nos ajuda a compreender a intenção de João. Diz ele que

“O cego que jamais questiona sua posição inferior e pecaminosa, alcança a fé em Jesus Cristo e, ao negar a própria pecaminosidade, os chefes dos judeus provam ser completamente cegos. Eles que literalmente vêem, preferem caminhar nas trevas e ignoram a luz, enquanto que o cego responde à luz em sua presença e deixa as trevas para trás. Não há palavras melhores para descrever a conversão”³⁷⁶.

Podemos, junto com Witherup, tirar algumas conclusões a respeito de como o Quarto evangelho vê a conversão. Em primeiro lugar devemos salientar que no centro da conversão está o encontro pessoal com Jesus. É uma revelação e um dom de Deus que requer resposta da parte do ser humano. Essa fé é força ativa e

³⁷³ Ao contrário dos sinóticos, em que Jesus é enviado a Israel, João considera Jesus enviado ao mundo (1,10; 3,17; 9,39; 16,28; 18,37). Ibid, p. 106.nota nº 12.

³⁷⁴ MAZZAROLO I., Nem aqui nem em Jerusalém, p. 85.

³⁷⁵ WITHERUP R., op. cit. p. 107.

³⁷⁶ Ibid., p.108.

dinâmica que configura em compromisso. Fé é dom e tarefa. João fala também da necessidade de nascer do alto e que, na conversão, somos renascidos no Espírito Santo.

Outro ponto relevante, em João, é mostrar sempre a conversão em etapas, pois não é um momento crítico que faz acontecer a fé em Jesus Cristo, mas, como em tudo em nós, a conversão também é um processo de conhecimento da mensagem e da pessoa de Jesus e de discernimento pessoal que resulta na necessidade de testemunhar para que outros também possam crer³⁷⁷.

3.3- Conclusão

A título de conclusão do capítulo terceiro, gostaríamos de recolher, numa pequena síntese, o que de mais significativo para nossa pesquisa foi afirmado pela Sagrada Escritura. Para nos ajudar nesse discernimento, contaremos com o autor que, fundamentalmente, nos inspirou e acompanhou até aqui. Witherup ressalta algumas afirmações³⁷⁸ que caracterizam, segundo ele, o entendimento bíblico da conversão. Vejamos então algumas delas:

- ▶ a conversão é um ato que ocorre por iniciativa de Deus. Os seres humanos interagem com a graça e são chamados a responder livremente.
- ▶ o tema da conversão sempre aparece relacionado a outros temas bíblicos: perdão, pecado, reconciliação, arrependimento, salvação, justificação, batismo, fé e Espírito Santo.
- ▶ na Sagrada Escritura a idéia básica de conversão é *mudança*. È *voltar-se* do pecado, da morte e das trevas *para a Graça*; conduz as pessoas à maturidade espiritual; é um dom do Espírito Santo que possibilita a mudança de vida; envolve mudanças internas e externas. A pessoa vai mudando suas atitudes e seu comportamento na medida em que modifica seus conceitos e reavalia seus valores.
- ▶ relaciona-se com a revelação do Reino de Deus, e, portanto, é realidade escatológica, antegozo da vida que há de vir.
- ▶ é uma realidade cristológica, é estar intimamente relacionado à pessoa de Jesus Cristo em quem o Reino se realiza.

³⁷⁷ Cf. Ibid., pp. 108-109.

³⁷⁸ Ibid., p. 133.

► embora seja uma experiência individual, é sempre relacional e bidirecional. Na vertical implica um novo relacionamento com Deus e na direção horizontal refere-se a uma vivência fraterna com as outras criaturas (os outros seres humanos e a natureza).

► o chamado à conversão é dirigido a comunidades inteiras e não somente a indivíduos. Portanto, a mensagem de conversão no NT aparece dirigida primordialmente aos que estão na comunidade.

► se dá em processo contínuo, embora haja conversões radicais que acontecem de forma dramática fazendo com que as pessoas mudem profundamente suas vidas.

► requerem preparação e a Bíblia destaca dois aspectos dessa preparação: o reconhecimento da situação de pecado e a necessidade de ouvir a Palavra .

► sempre trás o “novo”. A expressão que Paulo usa, inclusive, é “nova criatura”, “novo homem”, “nova mulher” e João, fala da necessidade de “nascer de novo”.

► afeta a pessoa toda, em todas as suas dimensões: espiritual, moral, existencial, física, biológica, intelectual etc., pois envolve coração, mente, espírito, corpo etc.

► o efeito proeminente da conversão é dar testemunho aos outros, ou seja, proclamar a Boa Nova, difundir a mensagem de Jesus para todas as pessoas.

A Sagrada Escritura afirma ser a *conversão* uma revelação de Deus que age livremente na Sua liberdade e no Seu amor. Retomando o que expusemos na síntese, queremos destacar um aspecto que consideramos essencial para construir uma resposta adequada à pergunta que nos interpela a respeito da possibilidade ou não do “novo crente” realizar uma verdadeira conversão: embora seja uma experiência individual, a conversão, no entender bíblico, é sempre relacional e bidirecional, pois implica um novo relacionamento com Deus e uma vivência fraterna com as outras criaturas (os outros seres humanos e a natureza).

O ser humano pecador é convidado à salvação pela Graça de Deus mediante Jesus Cristo; é chamado a dar uma resposta livre e na comunidade. França Miranda faz notar que o apelo à ‘conversão’ já estava presente, como uma preocupação, no Antigo Testamento, na pregação aos gentios por parte dos primeiros missionários, e nas próprias comunidades cristãs como parece nas cartas

de João às Igrejas da Ásia: “Mas tenho contra ti que abandonaste o teu primitivo fervor. Lembra-te, pois de onde caíste: arrepende-te e faze as obras de outrora” (Ap 2,4s) ³⁷⁹.

Nosso próximo passo será fazer afirmações conclusivas, ainda que de forma provisória e incompleta, a respeito de nossa pergunta inicial, motivadora de nossa investigação: Pode o novo crente que peregrina entre as igrejas cristãs, sem intenção de assumir compromisso comunitário, realizar o processo de verdadeira conversão? Recolhendo as interpelações que a mobilidade religiosa hodierna nos impõe, pretendemos focar dois sujeitos dessa questão, a saber: o “Novo crente” e a Igreja.

³⁷⁹ FRANÇA MIRANDA M., A Salvação de Jesus Cristo, p. 224.